

PEÇAS TEATRAIS DE RICARDO TORRES

CENAS DE APRENDIZ



“A ilha que nos isola também nos banha de universos” (R.T.)

Organização: Bene Martins

PEÇAS TEATRAIS DE RICARDO TORRES

CENAS DE APRENDIZ

ORGANIZAÇÃO: BENE MARTINS

Realização

Projeto de Pesquisa: Memórias da dramaturgia amazônica: construção de acervo dramático



BELÉM-PARÁ/2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Emmanuel Zagury Tourinho (Reitor)

Gilmar Pereira da Silva (Vice-Reitor)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPESP)

Maria Iracilda da Cunha Sampaio (Pró-Reitora)

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE (ICA)

Dra. Isis de Melo Molinari Antunes (Coordenadora)

Dra. Adriana Valente Azulay (Vice-Cordenadora)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES (PPGARTES)

José Denis de Oliveira Bezerra (Coordenador)

Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida (Vice-Cordenadora)

EDITORA PPGARTES*

Maria dos Remédios de Brito

Ana Cláudia do Amaral Leão (Coordenadoras)

Larissa Lima da Silva (Assistente Editorial)

COMITÊ CIENTÍFICO

Profª. Drª. Maria dos Remédios de Brito (Presidente)

Profª. Drª. Ana Cláudia do Amaral Leão

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profª. Drª. Ana Flávia Mendes Sapucaí

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profª. Drª. Ana Mae Tavares Bastos Barbosa

(ECA, Universidade de São Paulo; Universidade Anhembi-Morumbi)

Prof. Dr. Áureo Deo de Freitas Júnior

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profª. Drª. Giselle Guilhon Antunes Camargo

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof. Dr. José Carlos de Paiva

(FBA, Universidade do Porto)

Profª. Drª. Laura Malosetti Costa

(IA, Universidad Nacional San Martin)

Profª. Drª. Maria das Vitórias Negreiros do Amaral

(CAC, Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Orlando Franco Maneschy

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^a. Dr^a. Rejane Coutinho

(IA, Universidade Estadual Paulista)

Prof^a. Dr^a. Valzeli Figueira Sampaio

(ICA, Universidade Federal do Pará)

FICHA TÉCNICA DESTA EDIÇÃO:

Projeto Gráfico: Bene Martins & Ricardo Torres

Editoração Eletrônica: Ricardo Torres

Capa: Ricardo Torres

Revisão Textual: Ricardo Torres

Ficha Catalográfica: Larissa Silva

*A Editora do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA pratica a avaliação por pares (preferencialmente externos) e seu eixo editorial refere-se às linhas de pesquisa deste programa.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA**

T693

Torres, Ricardo.

Peças Teatrais de Ricardo Torres [recurso eletrônico]: cenas de aprendiz / Ricardo Torres; Organização: Bene Martins. — Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA, 2023. — Dados eletrônicos (1 arquivo: PDF).

Modo de acesso: Internet

<http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>

ISBN 978-65-88455-71-5

1. Literatura brasileira - teatro. 2. Teatro brasileiro. 3. Arte e pesquisa. I. Martins, Bene, org. II. Título.

CDD 23. ed. – 869.92

SUMÁRIO

PREFÁCIO 1

CONVERSA INICIAL – RICARDO TORRES	06
---	----

PREFÁCIO 2

DRAMATURGIAS AMAZÔNIDAS: ESCRITAS EM CENAS

BENE MARTINS	17
--------------------	----

JULIETA E ROMEU.....	19
----------------------	----

ISSO É RACISMO.....	36
---------------------	----

MEDO DE ASSOMBRAÇÃO OU DE GENTE?	57
--	----

PAI	70
-----------	----

EDUCAÇÃO	74
----------------	----

A ILHA.....	80
-------------	----

O BOI MISTERIOSO DE ITAITEUA	83
------------------------------------	----

URUBU FIDÉLIS	100
---------------------	-----

PREFÁCIO 1

CONVERSA INICIAL

Ricardo Torres¹

No ano de 2005, na Escola Estadual do Outeiro-Pará, como professor de Filosofia, iniciei um trabalho no mês de agosto com vistas à apresentação na Feira Cultural do fim de semestre na Escola, tendo como colaboradora dos trabalhos a professora Marilena Pires, de Artes, que solicitou uma sugestão de texto para que encenássemos com os estudantes do Ensino Médio.

Durante uma semana refleti. Então, tive a ideia de fazer uma versão resumida e em forma de comédia do clássico Romeu e Julieta, de Shakespeare, que tinha lido por volta de meus doze anos, em uma edição antiga (da década de 80) que era brinde em uma revista feminina muito popular à época (Revista Minha). A coleção de clássicos da Literatura Universal tinha *Braz Cubas*, *Noites Brancas*, *O Cortiço*, *Histórias Extraordinárias*, *Édipo rei*, entre outros. Em diversas residências era comum ver esses pequenos livros em brochura, que não eram muito manuseados ou lidos. Quando, em uma das faxinas em casa se resolveu descartar os mesmos, eu já os conhecia e lia com um prazer de quem descobre universos. Daí requeri para mim sua guarda, e os mantenho até hoje. Tal leitura me deixou na memória os principais episódios da tragédia ambientada em Verona.

Essa foi minha primeira aventura no mundo do teatro amador, escolar como gosto de chamar. O texto é bem simples, cheio de referências da época em que foi escrito, expressões comuns na mídia, no linguajar dos jovens, indicação de gestos para as personagens que lembram cenas de cinema. Enfim, não tinha clareza de como escrever e fazer algo engraçado, senão utilizando lugares comuns, a que somei algumas fórmulas bem simples como trocadilhos, ironias e exageros que pudessem ser compreendidos facilmente por qualquer público da comunidade escolar (Ensino Fundamental maior e Médio).

¹ Professor de Filosofia das Redes Estadual e Municipal de Educação. Coursou graduação e especialização em Filosofia pela Universidade Federal do Pará. Realiza desde 2005 trabalhos na área cênica com estudantes de escolas públicas e em comunidades periféricas, em forma de oficinas e montagens teatrais. Atualmente é aluno de palhaçaria, em processo de construção do Palhaço Chico (vide desenho na capa desta publicação), no projeto de pesquisa *O Clown Nosso de Cada Dia*, sob coordenação do Professor Doutor Marton Maués.

Fizemos convite a alguns estudantes em que percebíamos disposição para se apresentar e também alguns em que, apesar de não terem tanta disposição inicialmente, intuímos capacidade de desenvolver um bom trabalho com as personagens. Tudo muito por impressões e observações no cotidiano escolar. No total eram onze componentes. Ensaíamos durante três meses intensamente, construímos coletivamente os figurinos, a partir de roupas usadas doadas por familiares e pessoas da comunidade do entorno de nossa escola. A roupa da Julieta era um antigo vestido de noiva que nos foi presenteado por Dona Luíza (*in memorian*), vizinha e ex-funcionária da escola. Customizamos roupas, calçados, reaproveitamos tecidos para fazer as cortinas na sala de aula que fizemos de teatro. Minha concepção era muito básica sobre teatro, por isso via a necessidade de uma cortina, exagerava na pintura dos rostos (feita também com maquiagens usadas e doadas, pomadas, papel), corrigia os componentes muito preso ao texto, por vezes, mostrava como queria que fosse cada atuação, o que dificultava que os integrantes do elenco desenvolvessem com mais autonomia.

Porém, durante o processo, alguns diálogos funcionaram muito mais do que imaginávamos, onde busquei estimular os estudantes dando sugestões para que experimentassem modos de falar e se movimentar em que buscassem referências de pessoas conhecidas, familiares. A Ama de Julieta poderia buscar as maneiras das senhoras das periferias amazônicas com sua forma expansiva e forte de se expressar, o Frei Lourenço poderia lembrar idosos bem desbocados que conhecíamos e ainda mesclar com expressões joviais que dessem uma graça à personagem por meio da contradição. Aos poucos, mesmo aqueles que não acreditavam ter qualquer talento experimentaram um desenvolvimento e um domínio da cena que impressionaram a todos.

Como disse antes, o texto foi escrito em forma de comédia, com marcações (rubricas) básicas e intuitivas, por isso, resolvi dar o nome de “Julieta e Romeu”, uma forma de subverter a tradição romântica. Com o passar do tempo, com a boa aceitação e divertimento do grupo no trabalho com o texto e as cenas, percebi que todos podiam se vestir inspirados em palhaços na história, o que estimulou e abriu muitas possibilidades para a construção das personagens.

Fiquei ainda mais surpreso quando foram feitas as apresentações. A alegria dos que encenavam e dos que assistiam as apresentações foi contagiante, a ponto de estendermos os horários das sessões no dia da Feira Cultural até a noite. Mais ainda, o entusiasmo dos estudantes fez com que estes propusessem manter os ensaios, apresentar

mais vezes a peça e continuar em forma de Grupo, a que sugeri o nome *Grupo de Teatro Monturo*, que lembrava a fórmula de reaproveitamento de materiais (roupas, calçados, maquiagem, papelão, garrafas plásticas, brinquedos, etc).

A esse grupo somou-se o trabalho de outros educadores. Com o arte-educador Baety (que ministrou a eles oficina de maquiagem, figurino e máscaras teatrais, por meio de parceria que busquei junto à Fundação Curro Velho) os trabalhos culminaram em uma mostra feita com pequenos textos de comédia utilizando lendas amazônicas misturadas a personagens da literatura infantil como Emília, e de terror, como o Frankenstein, e pequenos diálogos sobre situações de preconceito. Foi a segunda leva de textos que fiz também no mesmo ritmo corrido e com referências simples, buscando ao mesmo tempo repensar símbolos culturais e questionar valores. Entre os textos estão *Pai* (sobre Homofobia) e o texto principal onde lendas e personagens literários dialogam (do qual infelizmente não me restou nenhuma cópia). Além destes, utilizamos outros de autores da literatura paraense (como o Poema *Mãe Preta* de Bruno de Menezes) em um tipo de apresentação que denominei *Poesia Encenada*.

Em 2006, veio compor conosco a professora de Língua Portuguesa Nailce Ferreira. Tendo a Professora Marilena mudado de escola, ficamos Nailce e eu na coordenação do que agora era um projeto de arte educação.

Tivemos a alegria de levar o grupo para assistir os *Palhaços Trovadores* (no Mangal das Garças em 2007) e o mestre Salustiano Vilhena e a *Má Companhia de Teatro* (No Chalé Tavares Cardoso, Biblioteca Pública de Icoaraci) apresentando *Luz nas Trevas*, de Brecht, em 2008. Em outra ocasião, o amigo Salu² foi até a escola na ilha dialogar com nosso grupo, compartilhando conosco belos momentos de sua história como artista.

A professora Liliane de Artes também colaborou um tempo conosco. Mas, posteriormente, sua lotação acabou a impossibilitando de continuar com o grupo.

Os textos que encenamos foram todos na mesma linha, um pouco de comédia, um tanto de um certo moralismo pedagógico que só bem depois percebi estar no fundo de algumas falas e cenas propostas no que escrevi. Daí que escrevi *A Filha Pródiga*, de clara inspiração religiosa e bem com jeito de história com lição de vida, mas este não

² Salustiano Vilhena. Professor, Ator e Diretor de teatro de Icoaraci, um dos fundadores do Grupo de Teatro *Gruta* e integrante da *Má Companhia de Teatro*.

chegou a ser montado. Talvez esses escritos todos tenham influência de algumas cenas de cinema americano, de programas de televisão, de cenas de romances literários, além do apelo de sempre querer ensinar de forma direta o certo e o errado, algo muito presente no cotidiano escolar. Mas, sobretudo, fruto de minha forma um tanto ingênua e maniqueísta de ver a vida, algo que fui enxergando e de que vim buscando me desvencilhar pouco a pouco.

Depois, surge o texto *Isso é Racismo*, onde utilizei cenas invertidas de preconceito e discriminação racial (com base em cenas reais presenciadas, filmes, depoimentos que ouvi em seminários e debates, quando de minha atuação como colaborador no Movimento Negro na Amor – Associação Movimento Reggae de Belém e Ananindeua). Espontaneamente, o tom irônico continuava. Anos depois, tive conhecimento de um filme de 2003 do cineasta Joelzito Araújo, a película *Vista a Minha Pele*, anterior à peça, onde as inversões eram utilizadas com o mesmo intuito de dar visibilidade às questões do Racismo, denunciando de forma bem lúdica. Esse texto tem cenas independentes, intercaladas por músicas (capoeira, funk, samba, rap, etc.) e por diálogos entre um MC (mestre de cerimônias) com os cidadãos preto e o branco. Nesta época, fiz um blog do Grupo Monturo, hoje desativado, e por ele disponibilizei estes primeiros textos na íntegra, o que fez com que professores, estudantes e encenadores de outras localidades solicitassem autorização para ensaiar e apresentar a dramaturgia, o que sempre permiti com muita satisfação.

Entre as composições dramáticas vieram outras em períodos diversos. A algumas chamávamos de performance, por terem texto base, mas serem desenvolvidas em propostas discutidas coletivamente que permitiam expandir as cenas. Exemplo dessa fase são: *Amazônia*, que faz alusão a símbolos da luta por justiça sócio ambiental como o Movimento Sem Terra, irmã Dorothy Stang e Chico Mendes; *Educação*, em que se usam latas e pedaços de madeira em exercícios cênicos básicos, como caminhar e repetir falas alternando tons, onde estudantes expõem em frases e movimentos as mazelas da educação, como falta de merenda, de estrutura física mínima, de aulas, desestímulo, medo de provas, descaso do poder público; *A Ilha*, um composição que apresentamos num evento teatral que nosso grupo participou coordenando.

Esse último texto ficou um tanto confuso, feito sem tempo de revisão, mas ainda me lembra um pouco a necessidade de expressar indignação diante do renovado colonialismo que assola nosso país e nossa cultura; *Elogio da Loucura*, inclusive

apresentado no projeto *Cena Aberta* da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, que talvez seja o mais moralista e pouco poético dos textos que fiz, por repreender como loucura, tentando ridicularizar, atos como pichar a escola e falar palavrão. A loucura acabou sendo usada apenas como forma irônica de depreciar atos de desobediência às normas, ainda que servisse para classificar casos de injustiça. Mal sabia eu o quanto a loucura é algo sério e do qual precisamos provar para respeitar seus limites e nos alimentar de sua força criativa.

Uma das atividades desse tipo me encheu de orgulho, sendo feita fora do Grupo Monturo, com estudantes de cinco turmas de EJA, educação de jovens e adultos, do turno da noite. A ideia do texto era apenas a motivação para que cada um construísse sua atuação em três fases: primeiro o cotidiano de trabalho deles (vendendo comida, pipa ou artesanato nas praias da Ilha de Caratateua, trabalho doméstico, em bares, babás, lavadeiras, mecânicos, secretárias, moto taxistas, motoristas de ônibus e lotações, pedreiros); em seguida, a caminho da escola (o cansaço, os assaltos, o medo, as caronas, vindo de bicicleta, de ônibus lotado ou kombi, a pé); finalizando com a chegada à escola, sendo bem recebidos ou mal atendidos na cantina, ignorados ou repreendidos por professores, perdidos ao fazer prova. Era a história deles, seu dia a dia, e a emoção depois de apresentar, depois de não acreditar que eram capazes, foi imensa.

A partir de 2008, trabalhando com Ensino Médio e nível Fundamental (Ciclos Básicos de Formação) na Fundação Escola Bosque, desenvolvi maior diversidade de textos, buscando adaptar a linguagem e os temas às crianças e pré-adolescentes.

Por primeiro, escrevi um texto inspirado nas manifestações culturais ricas da cultura popular de Icoaraci e Caratateua, que em muito me lembravam memórias de cantigas e rezas que presenciei em minha infância, em minha cidade natal, Bragança, no nordeste do Estado do Pará. Dei o título de *Cordão do Bicho Preguiça*, texto que tem um começo e meio de enredo, mas dependia de participação de estudantes para o que já exercitara em outros momentos, a criação a partir de conversas coletivas, possibilitando uma maior identificação com as cenas. Infelizmente, os estudantes à época não tiveram muito interesse, a competição com a cultura digital e da mídia globalizada é sempre um desafio. Mas, o texto está aguardando uma oportunidade para se desenvolver nos palcos. O mundo do ensino-aprendizagem é um jogo de paciência e compreensão para sentir os momentos em que cada ação ou estratégia se faz necessária.

Na Escola Bosque também escrevi, por ocasião da festa junina, um texto chamado *Respeiteira*, que se inspirou numa música folclórica de nome *Desfeiteira*. Nesta, homem e mulher disputam desqualificando-se, difamando um ao outro de forma jocosa e bem ritmada. Na versão infantil, para crianças entre 7 e 8 anos, os valores de amizade, respeito e partilha são o foco.

Na mesma instituição, desenvolvendo um projeto de teatro (inicialmente para crianças do 6º ao 7º ano, depois aberto para adolescentes e para educadores, funcionários e pessoas da comunidade), tivemos muitos encontros onde exercitávamos diversas linguagens corporais e formas de dizer, brincar e recriar palavras, frases e ações. Com o grupo de crianças montamos apresentações diversas, entre elas uma a que chamei *Animais (ou Sete pecados)*, aproveitando exercícios de andar variando ritmos, níveis e alternando e mesclando formas diversas de falar mais baixo ou mais alto, juntos e isolados, cada pecado brincando um pouco com pequenas desobediências de nossa infância e juventude: namorar, dormir bastante, egoísmos infantis, ser comilão, ter inveja de coisas tolas, vaidades engraçadas, irritações bobas.

Uma encenação que levou mais tempo para ser composta e tinha poucas falas, centrada em trilha musical com narração gravada ou feita ao vivo, foi *As Lendas da Escola Bosque*, onde se apresentavam em cena o Monstro do Laguinho, o Vulto do Bosquinho, a Loira do Banheiro, o Arranca Trilha, todos construídos a partir de relatos dos próprios estudantes. O trabalho foi traduzir o roteiro escrito em movimentos convincentes de assombrações que buscavam assustar, no sentido de despertar a percepção dos problemas ambientais causados pela presença humana no bosque na escola.

Na Unidade Pedagógica da Faveira, parte da Funbosque localizada na Ilha de Cotijuba, desenvolvi trabalhos em parceria com professoras de Ensino Fundamental menor, turmas de C2. As educadoras das turmas permitiram que eu entrasse nas salas e conversasse com seus alunos sobre que lenda eles mais gostavam. A conversa fluiu sobre o Curupira, e eu então os indaguei sobre como ele era, por que seus pés eram virados para trás. Da conversa, prometi que escreveria e voltaria para ler para eles o texto. Por sorte, consegui cumprir a promessa pouco tempo depois. E voltando, lendo e articulando as vozes dos personagens, vi os olhos e os sorrisos das crianças brilharem. Perguntei se queriam encenar a história e eles aceitaram na hora, sem hesitar. Daí surgiu o texto e o

espetáculo *Medo de Assombração ou de Gente?* apresentado em Cotijuba e na Sede da Funbosque, em Caratateua, São João do Outeiro.

Em outra ocasião, lecionando a disciplina Estudos de Religião em turmas de sétimo e oitavo ano na Faveira, utilizei informações de pesquisas sobre as religiões feitas pelos estudantes nas ilhas onde residiam (origens, vestes, normas, cânticos, tipos de templo, lideranças) para criar o texto e montar o espetáculo *Família Religião*, onde contávamos a história de diversas crenças de forma bem-humorada. Foi bonito ver um adolescente preto no papel de Deus.

Também nessa escola, em Caratateua, escrevi o *Auto de Natal do Araçari*, para a turma que tinha o nome desse pássaro (a Escola Bosque tem blocos de salas com nomes de pássaros, mamíferos, orquídeas, lendas, árvores e plantas ornamentais e alguns espaços que homenageiam personalidades que lutaram por justiça socioambiental). Nele, o Araçari era o verdadeiro anunciador do nascimento e diversos bichos dialogavam na história. Esse não chegou a ser encenado, mas foi lido e dialogado com as crianças.

Nas aulas de Filosofia do Ciclo 3 iniciante, desenvolvi em ética uma discussão sobre preconceitos e bullying que culminou na escrita de um texto, que por ser alimentado de muitos diálogos com os educandos ficou com o título *Peça Teatral Ainda Sem Nome*. O processo foi rico em discussões e ensaios, inclusive pelo enfrentamento da dificuldade das crianças de se exporem na sala e no auditório da escola. Nada foi imposto ou obrigatório, cada um podia escolher atuar ou assistir. Muitas boas surpresas foram aparecendo. Um menino de dez anos com TEA tornou-se de vítima de bullying um protagonista dos ensaios, tendo memorizado a fala de todos os personagens. Os risos e escárnios que havia no começo foram cessando e as atuações e domínio foram ganhando respeito e interesse de todos, além dos debates estimulados pela história contada.

Além desses espaços, realizei trabalho com teatro na Escola Raimundo Martins Viana, escrevendo e ensaiando um *Casamento na Roça* que questionava preconceitos e ironizava a estrutura patriarcal desse tipo de brincadeira. Também realizei diversas oficinas de teatro em comunidades (Guamá, Icoaraci, Ananindeua, Salvador) com jovens e crianças.

Mais recentemente venho desenvolvendo uma maior proximidade com o teatro popular. Primeiro, como colaborador do Boi Misterioso de Itaiteua, do Mestre Apolo da Caratateua, ao qual após cinco anos de muitas conversas presenteei em 2019, com o texto

O Boi Misterioso de Itaitéua, Criança Encantada. Até o momento, tivemos apenas conversas sobre o texto, pois o Boi já conta com diversas músicas próprias, gravadas em CD, é um Boi de Toada, aguardando o ensaio da comédia. Nessa dramaturgia iniciei um processo de diálogo com a tradição, pois algumas personagens e alguns fatos comuns no tradicional Boi Bumbá do Pará não aparecem (como Catirina, Pai Francisco, substituídos pela mãe e pelo vaqueiro pai do boizinho, os indígenas tuxauas e a morte e ressurreição do Boi também não aparecem, talvez posteriormente inclua indígenas que se relacionem à toponímia tupi da Ilha). A proposta é adaptar ao universo infantil e às problemáticas nele enfrentadas (abusos contra os direitos da criança são algo muito grave nas periferias de nossa cidade e o Misterioso da história é uma criança encantada). Outro aspecto social explorado na comédia é a violência e o autoritarismo dos grandes proprietários de terra. São ressignificadas a benzedeira e as músicas de terreiro (que em geral nos textos são ligadas à feitiçaria de modo pejorativo e utilizadas para insuflar medo e fazer rir).

Também apresentei em 2022 um casal de amigos, Nailce e Celso, moradores do bairro do Fidélis em Caratateua, Mestres do Cordão do Pássaro Urubu, com o texto Urubu do Fidélis. Nele são tratados temas como o descaso do poder público com a Região Insular de Belém, os problemas socioambientais comuns na Amazônia como poluição, desmatamento, queimadas, falta de saneamento, insegurança, trabalho e exploração infantil, desemprego e fome. Mas, o centro da história é o extermínio dos povos indígenas pelos colonizadores e a continuidade desse genocídio com a estereotipia dos indígenas (pajés e guerreiros) como figuras folclóricas apenas, e o desenvolver da história afirma seu papel de protagonistas e protetores do ambiente e da vida humana. Eles não aparecem apenas como dançarinos ou serviçais da corte. A nobreza não tem qualquer superioridade ou heroísmo nesse Pássaro, ela aparece em seu caráter intolerante e violento, é ridicularizada e mostrada em seu aspecto desigual e injusto. Talvez esse seja um dos textos mais controversos, pois mexer em tradições e valores tão enraizados é sempre desafiador.

No entanto, a ideia é provocar reflexões mantendo os ritmos, poesia e divertimento tradicionais, respeitando a ancestralidade dessa manifestação de teatro popular. Os Cordões de Pássaro carregam grande riqueza e memória em suas composições e manifestações artísticas, que têm sua própria dinâmica e forma de dialogar

com os novos tempos³. O texto do Urubu foi ensaiado no ano de 2022 e apresentado em versão resumida, pois o grupo do Pássaro estava se recompondo neste período pós-pandemia. As apresentações foram junto a outros grupos da Ilha na Praça do Pistão no bairro da Água Boa e também no próprio ninho, chamado Monturo do Urubu, casa da família de Nailce e Celso, durante uma festa junina.

No final do ano de 2022, iniciei a escrita de uma folia chamada *Reis Caboclos*, com o intuito de colaborar com a Festa de Dia de Reis, que a amiga Cláudia Maués e seu esposo Marcos Souza celebram junto a amigos artistas e ativistas no Conjunto Maguari, próximo da Avenida Augusto Montenegro. A proposta que apresentei em reunião do grupo de organizadores foi escrita e lida na casa desses amigos. Consiste numa adaptação da história onde os Reis Magos são caboclos, ribeirinhos da floresta que trazem de presente símbolos da cultura amazônica.

O que você, leitor, recebe nesta coletânea a que escolhi denominar *Cenas de Aprendiz* é uma mostra de parte desse itinerário de escrita dramaturgical, fragmentos criativos de um amante do teatro que foi e continua se descobrindo e testando, buscando sua forma própria de pensar, construir textos e cenas em diálogo constante com a Ilha de Caratateua, espaço que acolheu os primeiros escritos e encenações, e ampliado aos poucos para outras comunidades e periferias.

Acrescento, para sugerir uma possibilidade de leitura e explicar um pouco do que vejo como objetivo neste ensaio de obra, algumas anotações sobre o que considero pontos comuns em meu processo criativo:

1. Observação do cotidiano: um costume que talvez seja responsável por eu manter a mesma energia infantil de criar e misturar coisas, ritmo que me acompanha ainda hoje com a mesma intensidade. É um registrar gestos, jeitos de falar, andar e olhar marcando tudo em brincadeiras cotidianas de imitação, paródias, caretas, repetição de frases simbólicas de certos comportamentos e ideias.
2. Escrita caótica: longe de ser um modo de escrever automático, as ideias costumam vir aceleradamente e meio desordenadas, mas, em

³ (...) ato de criação que refletia o gosto e a inventividade de uma camada social que se exprimia não só enquanto produtora e consumidora de arte, mas que explicitava, através de seus dramaturgos, o modo como se relaciona socialmente, suas aspirações, seus preconceitos de sexo e de raça, suas críticas às classes dominantes, sua contraditória religiosidade, sua consciência da devastação e da predação a que vem sendo submetido o universo da Amazônia” (in MOURA, Carlos Eugênio Marcondes. *O Teatro que o Povo Cria: Cordão de Pássaros, Cordão de Bichos, Pássaros Juninos do Pará; da dramaturgia ao espetáculo*. 1997, p. 24).

geral trazem pistas do que depois começo a costurar e moldar. Muitos rascunhos ainda guardados que vão sendo retomados, relidos, ressignificados, criticados. Mesmo os textos já encenados estão sempre abertos a alterações, atualizações. O que não impede certos constrangimentos, vontade hoje um pouco mais superada de esquecer alguns dos escritos, de manter alguns guardados, sempre passíveis de serem deixados de lado. Nessa escrita se misturam coisas infantis, repressões, sensações e ideias nem sempre bem elaboradas ou maduras, lamentos, indignações, ilusões, coisas que reluto muito em rever. Contudo, aprendi a preservar os escritos e dar tempo a mim mesmo e a eles. O mais antigo deles um ensaio juvenil de poesia em prosa quando uma professora de redação nos pediu, na quinta série, um telegrama para alguém real e eu escrevi um testamento de um morador de rua que deixava seus poucos bens, escondidos num bueiro, para seu amigo canino. Detalhe é que ele era analfabeto, por isso, ditou as falas para seu fiel vira-lata, que assinou junto com ele, digital e marca da patinha lado a lado.

3. Informalidade: sempre presente o modo de falar popular, nem sempre muito regional, mas tomando referências de jeitos de expressão que possibilitam concisão, riqueza de sentidos, descoberta de novas metáforas, simplicidade.

4. Ressignificação de expressões preconceituosas e/ou pejorativas: aliado à informalidade na linguagem, busquei, desde o começo, brincar com formalidades e desigualdades representadas por estruturas verbais.

5. Preocupação com questões sociais e éticas: nem sempre denúncias diretas, mas vez ou outra a utilização de signos de movimentos de resistência, da luta política e poética de artistas, ativistas e pessoas chamadas de comuns, mas de coragem incomum.

6. Ironia: dentro da mesma linha de ressignificar, busco desmontar situações sérias ou protocolares que considero injustas e desumanizantes, chamo de blasfemar, vejo a arte como a quebra de autoridades, assim como o filosofar a que me dedico. Nada precisa ser intocável, pode-se questionar qualquer coisa, não somos obrigados a acreditar em nada. Uma influência de certas reflexões de adolescente que foram se aprofundando nas leituras e silêncios.

7. Marcação intuitiva: Algo com que não me preocupei muito em aprender, talvez uma lacuna formativa. Em geral as marcas, explicações de cenário, luz e movimentação são motivadas por necessidades que vão aparecendo ao longo das montagens.

Acrescento que, junto às referências literárias, de dramaturgias, poemas, contos e romances com os quais tive contato até a graduação em Filosofia, fui gradativamente somando leituras de crítica teatral e dramaturgias com que tinha contato em bibliotecas e

em jornais. Tudo isto de forma lenta e no tempo, às vezes, escasso no cotidiano de educador.

Para finalizar nossa conversa, apresento alternativas pensadas a partir das práticas e realidades por que passei em espaços escolares e comunidades afins. Espero que você possa e queira utilizá-las em algum momento e que elas lhe revelem coisas belas e interessantes, como tantas que se mostraram a mim nessas quase duas décadas de trabalho de educação e de arte.

É preciso garantir sempre autonomia, em todas as fases do trabalho, para não cair na armadilha do teatro servir de enfeite, mero entretenimento em eventos ou instrumento de propaganda ideológica, o que muito acontece em escolas e comunidades. Tal autonomia passa pelo processo de criar e desenvolver sempre em diálogo com os envolvidos e a comunidade e não se submeter a direcionamentos de gestores, modismos ou pressões. É muito importante combater a opinião corrente de que a arte é algo supérfluo, de que manifestações artísticas são apenas distrações para animar a comunidade e que artes cênicas não preparam o jovem e a criança para a vida. Educar pela poesia e pela sensibilidade tem o potencial de estimular a expressividade humana, a criatividade, o protagonismo, o pensamento crítico, a delicadeza e a gentileza para com os demais seres, pelo diálogo, respeito, a cooperação e a amizade.

Lidar de modo tranquilo, sempre que possível, mas enfático com possíveis preconceitos, boicotes, descaso, falta de estrutura e apoio, difamações. O foco do trabalho precisa estar bem definido, com posição evidente diante do contexto vivido, para que não se abalem com situações e atitudes imaturas, agressivas e irresponsáveis, se necessário indo para o enfrentamento, de preferência por meio de manifestações artísticas. O fortalecimento vem da própria arte em construção coletiva, pelo exercício da liberdade.

Observar que o processo formativo pode ser bem mais importante do que propriamente as apresentações. Durante as práticas com diversos desses textos muitos estudantes, que tinham grandes dificuldades de ler e escrever, desenvolveram habilidades evidentes em interpretação de texto, leitura com boa entonação, autonomia na expressão oral e corporal, ampliação do vocabulário, entusiasmo para desenvolver habilidades artísticas, sem falar na autoestima melhorada que ajudou muitos a evoluírem em seus estudos e nas relações com os colegas.

Boa leitura e bons ensaios a você.

PREFÁCIO 2

DRAMATURGIAS AMAZÔNIDAS: ESCRITAS EM CENAS

Bene Martins⁴

O projeto de pesquisa: *Memórias da dramaturgia amazônida: construção de acervo dramaturgico* teve início em 2009, desde então, tem sido renovado anualmente, conforme Portarias institucionais e, certamente, seguirá por muitos anos, devido à abrangência – pretendemos estender aos municípios do Pará e já iniciamos as buscas por dramaturgos(as) em outros estados da região – e devido ainda, à quantidade de peças espalhadas por lugares outros, além de bibliotecas, clubes, acervos particulares, igrejas e, ainda, devido ao surgimento de novos escritos para teatro, em constante processo de criação. Esta pesquisa trabalha na busca de textos, digitação, tratamento, análise e divulgação do material produzido pelos primeiros e atuais dramaturgos (as) amazônidas. O acervo dramaturgico – boa parte já publicada – não se restringe ao arquivo apenas, ele é considerado fonte de informações valiosas sobre épocas, costumes e traços identitários dos povos que aqui habitam. Traços identitários que extrapolam o regional, naturalmente, pois são temas que tratam de mazelas sociais, do imaginário, das subjetividades humanas!

Ao iniciarmos a composição do acervo dramaturgico amazônida, as dificuldades foram tantas que sequer imaginávamos o quanto encontraríamos em arquivos dispersos, em que estado de conservação os textos estariam, quantos (as) dramaturgos (as) estariam à disposição para nos repassar seus escritos. Pois bem, a sequência foi surpreendente, reunimos memórias fundamentais para o teatro brasileiro⁵. A expansão nos motivou – Márcio Souza⁶ e eu – a criarmos a Coleção *Teatro do Norte Brasileiro*! A qual visa publicar

⁴ Professora Pesquisadora da UFPA, Dra em Letras (UFMG); Pós-doutorado em Estudos de Teatro (Universidade de Lisboa-PT), atua na Faculdade de Dança (FADAN) e Programa de Pós-graduação em Artes (PPGArtes). Coordenadora dos projetos de pesquisa e extensão: Memórias da Dramaturgia Amazônida: Construção de acervo dramaturgico; Dramaturgias da Dança e Estudos do Corpo. Extensão: Acervo de críticas cinematográficas amazônidas: Coleção Memórias da cinefilia amazônida.

⁵ <https://www.ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/pesquisa/producao-intelectual/459-2022>, conferir inúmeras publicações da Editora do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES-UFPA).

⁶ Márcio Souza nasceu em Manaus, Amazonas, em 1946. Escritor, jornalista, dramaturgo, diretor de teatro e ópera. Fez seus primeiros estudos em Manaus e Ciências Sociais na Universidade de São Paulo. Escreveu peças teatrais, críticas de cinema e artigos em diversos jornais e revistas brasileiras.

autores (as) dos demais estados da nossa Amazônia! A coleção comporta **três linhas de publicação, a saber: 1) Obra reunida por autor**, a exemplo da obra completa dos dramaturgos *Nazareno Tourinho*, 2014; *Ramon Stergmann*, v.1, 2020; v. 2, 2021; v 3, 2022; *Edgar Proença*, Todas as peças, 2021; *Levi Hall de Moura*, 2022. **2) Coletânea com diversos autores**, a exemplo da *Coletânea Teatro do Pará*, v. 1, 2015; *Teatro do Maranhão*, v.1, 2019; *Teatro do Maranhão*, v.2, 2022; *Jovens Dramaturgos (as) Amazônidas*, v.1, 2020; v.2, 2021; v.3, 2022; *Coletânea Teatro de Roraima*, 2021. **3) Estudos de dramaturgia em geral**, a exemplo da primeira publicação: *Crítica teatral (In)convencional*, 2023, e *Iconografia teatral/performativa amazônida*, 2023, ambos de autoria de Raphael Andrade.

O projeto, a partir das inúmeras vertentes de estudos, iniciados na segunda, terceira e agora, quarta fase de produção, se filia, prioritariamente, a uma das linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Artes-PPGArtes (ICA-UFGA): *Memórias, Histórias, e Educação em artes*. Esta é uma das linhas que dialoga, inevitavelmente, com outras tantas possibilidades de trabalhos voltados à formação e aperfeiçoamento de artistas-professores-pesquisadores em artes, neste caso, artes cênicas.

Para interromper este texto, reitero que é com imensa alegria que ampliamos as publicações para diversos campos da dramaturgia, além da considerada clássica. Sempre foi nosso desejo incluir outras dramaturgias, a saber: dos pássaros, a clownesca, a circense... estas em preparação. Iniciamos 2023 com a colaboração do professor de filosofia, dramaturgo, Ricardo Torres, ele nos encaminhou oito peças de sua autoria, as quais denomina *Cenas de Aprendiz*. Os temas abordam desde lendas, pássaros, educação, preconceitos. Todas com uma preocupação maior, a de dialogar com questões socioculturais tão caras à formação de nossos estudantes! Nos cabe agradecer imensamente pela parceria agora iniciada e que renderá outros trabalhos!

A equipe do projeto seguirá publicando peças teatrais reunidas no acervo *Memórias da dramaturgia amazônida!*

Boa leitura!



JULIETA
E
ROMEÜ

JULIETA & ROMEU

(Uma adaptação em comédia da obra “Romeu e Julieta” de William Shakespeare).

Belém, Icoaraci, outubro de 2005.



Desenho do autor, 2023.

SINOPSE

Numa Verona bem tropical, dois jovens se conhecem e se apaixonam em meio à guerra entre suas famílias. Um romance atrapalhado, onde amor, tolice e ingenuidade se confundem, onde hipocrisia e autoritarismo são o mais ridículo que se pode apresentar.

PERSONAGENS

Julieta – Filha mais nova da família Capuleto.

Romeu – Filho mais novo da família Montecchio.

Príncipe – Governante de Verona.

Gregório – Servo Capuleto.

Sansão – Servo Capuleto.

Servo Montecchio – Outro servo, mas da outra família.

Senhor Capuleto – Disque líder da família Capuleto, pai de Julieta.

Senhor Montecchio – Disque líder da família Montecchio.

Páris – Pretendente de Julieta.

Benvólio Capuleto – Primo de Romeu.

Senhora Capuleto – Mãe de Julieta.

Teobaldo Capuleto – Primo de Julieta.

Mercúcio – Amigo de Romeu.

Frei Lourenço – Franciscano, aconselhador de Romeu.

Ama – Serva e cuidadora de Julieta.

Coro – Todos que estiverem disponíveis.

PRÓLOGO

Duas famílias, dois ódios, dois rancores. Do seio dessa maldição surgem dois amantes, alma única em dois corpos. O que principia na ternura pode abrandar a violência, ou pode ser contaminado por ela. Os lesos brigam por tudo, o amor só quer mesmo amar.

PRIMEIRO ATO

CENA I

(Dois servos Capuleto entram a conversar).

GREGÓRIO

Sansão, não podemos aguentar desaforo!

SANSÃO

Claro, Gregório, não somos carregadores.

GREGÓRIO

Estou falando de não aceitar ofensa!

SANSÃO

Isso! Não aceitamos presentes de qualquer um!

GREGÓRIO

E se tu visses um Montecchio?

SANSÃO

Ah!... Eu não aceitaria presente nenhum deles.

GREGÓRIO

Os Montecchio são cães!

SANSÃO

É, Cães! Eu lato para eles ...Au! Au!

GREGÓRIO

Ei! Aí vem um deles!

(Entra um outro servo. Sansão late para ele).

SANSÃO

Au! Au!

SERVO MONTECCHIO

Estás latindo para mim, senhor?

SANSÃO

Estou latindo.

SERVO MONTECCHIO

Mas, é para mim, senhor!?

SANSÃO

Se eu disser que sim, vou preso? *(Pergunta a Gregório).*

GREGÓRIO

Sim.

(Sansão balança a cabeça negando).

SERVO MONTECCHIO

Queres brigar, senhor?

SANSÃO

Nããã...

SERVO MONTECCHIO

Pois, aqui estou. *(Começa a briga, com empurrões, trapalhada e gritaria).*

(Chega outro servo e grita).

- Capuletos! Ou melhor, servos de Capuleto! Ou melhor, covardes!

(Chegam servos das duas famílias, e por fim, os chefes das mesmas. E os cidadãos reclamam).

CORO

Aí vem, o velho Capuleto! Aí vem o velho Montecchio! Empurrões! Confusão! Gritos!

Pavor! Fora Capuletos! Fora Montecchios!

(Entra o Príncipe).

PRÍNCIPE

- Vassalos! Bundões! Meninos maus! Inimigo da paz! Banham espadas com sangue de vizinhos! É a terceira vez que brigam como gangues e acabam com o sossego de todos! Da próxima vez serão punidos com a morte na forca.

(Entra a Sra. Montecchio).

SENHORA MONTECCHIO

- Alguém viu Romeu? Ainda bem que meu filhinho não está aqui...

CENA II

(Romeu, choroso. Entra Benvólio).

ROMEU

- Ah! Meu espírito se arrasta pelas horas, carrego a tristeza nas costas como um caracol. Quem eu quero não me quer!!!

BENVÓLIO

Romeu! Tanta mulher por aí dando sopa!

ROMEU

- Mas eu só enxergo uma... *(Passa uma garota rebolando e ele dá uma boa olhada).*

CENA III**Sr. CAPULETO**

- Vai, cabeça, convida as pessoas desta lista para nosso grande baile, devemos agradecer o príncipe.

(Servo sai, olha a lista e começa a tentar soletrar).

GREGÓRIO

Si-so-ba-ma-le-ti-ca-ah! Agora lascou-se, eu não sei ler. Tenho de arranjar **alguém** pra decifrar.

(Passa Romeu).

GREGÓRIO

- Ei, rapaz. Tô fazendo uma pesquisa sobre leitura. Tu sabes ler?

ROMEU

- Claro.

GREGÓRIO

-Então vá, prova, lê esta lista.

ROMEU

- Amadeu Calisto e família. Pode comemorar! Você foi convidado!

Estrúbulo Saavedra Pinheiro e sobrinha.

Rita Amaralis e papagaio. Você foi convidada!

Lorenzo Hebert Rodrans. Pode comemorar!

Ivanu Terno de linhaça

Tostão de Araújo Cruzeiro.

Railanda Favacho, pode comemorar! Você foi aprovada! Você passou ...

É ... Foi convidada pra festa do... do...

GREGÓRIO

- Capuleto, isso mesmo. É, você leu tudo certinho, mesmo. Me dá a lista.

ROMEU

- Espera aí, a Railanda vai estar lá!?

GREGÓRIO

- Vai, e se tu não fores amigo de Montecchio, apareça lá também, vai ter muita comida de graça.

ROMEU

- Demorou.

CENA IV

(Baile à Fantasia na casa dos Capuleto. Entram Romeu e Benvólio).

ROMEU

- Festão.

BENVÓLIO

- Só.

(Romeu avista ao longe uma linda moça, junto à Ama. O garçom passa e Romeu indaga).

ROMEU

- Quem é aquela Princesa?

GARÇOM

- Não sei, senhor.

ROMEU

- Realmente, ela está de máscara. Mas, se mesmo assim sua beleza encanta, imagina. Ela é como um anjo, será que doeu quando caiu do céu ou tinha paraquedas. Será que ela gosta de brigadeiro? Qual será seu signo? Ela desliza, desliza no ar (*Julieta começa a dançar brega*) como uma tampa de margarina caindo. Não, não, como uma ficha de refrigerante retirada...Melhor, ela se parece com uma joia feita de sol, iluminando a noite... égua, onde foi que li isso?

BENVÓLIO

- Será por causa desse sol que está esse calor?

TEOBALDO

(*Num outro canto*).

- Ei! Aquele não é o paspalho do Romeu!

SR. CAPULETO

- Não, parece que é o Romeu mesmo.

TEOBALDO

- Vou matá-lo.

Sr. CAPULETO

- Na-na-ni-na-não! Tá doido, tá doido, tá doido? Deixa. Ele está se portando como um cavalheiro (*Romeu tira meleca do nariz, limpa na própria roupa e coça o saco, tudo isso olhando pra Julieta, que o observa curiosa*), nem comeu muito.

TEOBALDO

- Isso não vai terminar bem. Ele vai dançar nessa.

(*Romeu aproxima-se de Julieta. Toca a mão de Julieta*).

ROMEU

- Se minhas mãos sujam as tuas, pudera eu resolver com um toque de meus lábios (*beija sua mão*).

JULIETA

- Não, Senhor mendigo (*pois assim está fantasiado Romeu*), tuas mãos são macias e educadas. E mais, mãos de princesas são para tocar mãos de súditos.

ROMEU

- E as princesas têm boca?

JULIETA

- Claro! Como iriam falar? Elas têm boca para dar ordens.

ROMEU

- Ordena, então, que os lábios façam o que as mãos fazem (*beija Julieta*).

JULIETA

- Mas, tu me contaminaste com a saliva do povo. Ordeno que resolvas isso.

ROMEU

- Ah! Então, devolva-me minha pobreza (*beija-a de novo*).

JULIETA

- Beijas como um nobre...

ROMEU

- Não diga que beijo como nobre, pois só os pobres beijam bem, pois não têm vergonha de beijar.

AMA

- Julieta, passa pra dentro, tua mãe tá te chamando!

ROMEU

- Quem é a mãe dela?

AMA

- Ora a dona da casa.

ROMEU

- Cacilda! Minha vida nas mãos de meu inimigo.

AMA

- O quê?

ROMEU

- Nada, nada...

JULIETA

(*Para a Ama*)

- Quem são aqueles rapazes? (*Aponta com a boca fazendo bico*).

AMA

- Parentes do Montecchio.

JULIETA

- E aquele que não dançou? Vai lá, pergunta o nome dele.

(*Ama vai, e quando volta...*).

AMA

- É Romeu, filho do velho Montecchio.

JULIETA

- Não! Meu amor é meu ódio! Vi o amor cedo e o conheci tarde.

CORO

- Agora, morreu o antigo pranto, e a paixão tudo tomou. A antiga tristeza esvaiu-se e no seu lugar os amantes perdem-se no olhar um do outro. Mas, inimigos não se podem enamorar, nem paquerar, nem ficar. Só que o amor cria fugas, inventa esconderijos para escapar da tirania, e as loucuras ficam doces.

SEGUNDO ATO

CENA I

(Romeu pula o muro e se esconde por trás do arbusto para observar Julieta).

ROMEU

- Quem ri das feridas nunca se esbrecou. Mas... O que é isso? *(Sai Julieta à janela)*. O sol nascendo a essa hora da noite? Ah, é ela que vem à janela. Poxa! precisava vir com a cara cheia de creme? Não importa, a lua inveja Julieta, pois tem mais buracos na cara que ela. Mas, ela fala...

JULIETA

- Ai de mim!

ROMEU

Oh! Que mãozinha linda, que tatuagem... Ei! Tá muito saidinha essa Julieta. Mas, que anjo...

JULIETA

- Ó, Romeu, Romeu! Sai de casa e muda teu nome. Diz que me ama e eu deixo minha casa e deixo de ser amamãezada.

(Romeu fica indeciso sobre mostrar-se ou não à Julieta).

ROMEU

- Agora eu falo.

JULIETA

- Teu nome é meu inimigo, mas não tu. O que é teu nome, Montecchio??

ROMEU

- Eu...

JULIETA

- Cala-te! Estou falando sozinha.....Se a rosa tivesse outro nome não continuaria tendo o mesmo perfume e custando caro? Romeu, deixa teu nome e toma-me.

ROMEU

- Eu tomo! Meu nome agora é amor!

JULIETA

- Quem é!?

ROMEU

- Não digo meu nome, que é teu inimigo.

JULIETA

- É Romeu!? Como chegou aqui? (*Romeu sobe até a sacada*).

ROMEU

- As asas do amor, e uns arranhões no joelho.

JULIETA

- Romeu, tu me amas?

ROMEU

- Juro.

JULIETA

- Não jura que é pecado.

ROMEU

- Então disconjuro!

JULIETA

- Oh! Não me amas.

ROMEU

- É claro.

JULIETA

- Mas é de noite.

ROMEU

- Meu amor, que a noite nunca acabe.

JULIETA

- Mas... já me chamam lá dentro.

ROMEU

- Diz que está na privada.

JULIETA

- Não dá, o banheiro é lá embaixo.

ROMEU

- Então, tchau, tchau... Boa noite.

JULIETA

- Vai, depois a gente se fala.

ROMEU

- Boa noite.

JULIETA

- Boa noite.

ROMEU

- Mil vezes boa noite.

JULIETA

- Boa, boa, vai! vai! Éguua, coisa chata.

CENA II

(Na igreja. *Romeu vai falar com o Frei*).

FREI

- Cadê aquela tristeza, rapaz? Já está com outra donzela?

ROMEU

- Se ela é donzela, não me interessa. Eu a amo, e ela é linda.

FREI

- Romeu, juízo Romeu.

ROMEU

- Ah, Frei Lourenço, o amor não segue conselhos.

FREI

- Por isso faz burrada.

ROMEU

- Burros são lindos animais de Deus.

FREI

- Cuidado, essa pode te botar chifre também.

ROMEU

- Oh, os bois são animais fortes e magníficos.

FREI

- Senhor! Esse enlouqueceu de novo. E é doídice pior que a outra.

ROMEU

- Aí vem ela.

FREI

- Ma...Mas... É Julieta Capuleto!

ROMEU

- É ... Meu amor.

FREI

- Dois malucos. E eu de laranja nessa história.

ROMEU

- Frei, case-nos!

FREI

- Quê que é isso!?

(O diálogo a seguir é cantado de modo alternado pelo Frei e por Julieta. A referência é um número musical dos Trapalhões).

JULIETA

- Seu Frei, eu quero me casar.

FREI

- Oh, minha filha, você diga com quem.

JULIETA

- Com o homem mais bonito da cidade.

FREI

- Com esse aí você não casa bem.

JULIETA

- Por que, Seu Frei?

FREI

- Esse homem já é comprometido, e eu não tô a fim de casar também.

JULIETA

- Mas, eu quero me casar é com o Romeu.

FREI

- Com o Romeu você se casa bem.

JULIETA

- Por que, Seu Frei?

FREI

- O Romeu é leso que nem tu, e vai ter que aguentar a ti também.

CENA III

(Casamento).

FREI

- Que o céu sorria, que a terra não nos faça chorar. Marido e mulher, não comem na mesma colher. Bebem da mesma água, mas cada um na sua taça. Fazem dívidas juntos, brigam juntos, moram em casa de conjunto, conversam até acabar o assunto. Tu, Romeu, aceita a figura da Julieta para amá-la e aturá-la para sempre?

ROMEU

- Para sempre é muito *(Julieta o belisca)*. Ok! Ok!

FREI

- E tu, Julieta, te serve este traste... epa... Romeu como legítimo esposo até que a morte finalmente os separe, e não sei que tem mais lá?

JULIETA

- Yes.

FREI

- Então, tá então... Eis que sois agora uma só família, e uma só despesa, duas cabeças cheias de besteira. Deus os abençoe.

CENA IV

(Entra Mercúcio Montecchio. Depois chega Teobaldo Capuleto).

TEOBALDO

- Eia, **Montecchio**. Posso lhe dar uma palavra?

MERCÚCIO

- Uma palavra? Não, quero mais que isso.

TEOBALDO

- Está afim de um beijo, Mercúcio?

MERCÚCIO

- Dê um selinho em minha espada, Teozinho.

(Brigam. Em seguida chega Romeu. Mercúcio está morrendo).

ROMEU

- Meu amigo, Mercúcio! O que há?

MERCÚCIO

- Um ferimento leve.

ROMEU

- Ah! Então até mais tarde.

MERCÚCIO

- Não, Romeu! Estou indo, estou indo!

ROMEU

- Para onde?

MERCÚCIO

- Estou morrendo, seu paspalho!

ROMEU

- Coração?

MERCÚCIO

- Espada.

ROMEU

- Quem foi?

(Mercúcio aponta Teobaldo com o bico).

ROMEU

- Teobaldo! Seu rato fujão! *(Corre atrás de Teobaldo)*. Quero vingança.

TEOBALDO

- Infelizmente, a vingança acabou. Temos apenas lâmina decepadora de cabeças.

ROMEU

- Verme...

TEOBALDO

- Ei! Eu ouvi isso.

ROMEU

- Então, junta-te à alma de Mercúcio.

(Teobaldo cai morto. Entra o Príncipe).

PRÍNCIPE

- Quem fez esta bagunça toda?

CORO

- Foi ele! Não, foi ele! Ele! Foi! Não! Foram Romeu e Teobaldo!

PRÍNCIPE

- Porque foi o único assassino a sobreviver, Romeu será exilado. Fora Romeu!

TERCEIRO ATO

CENA I

(Quarto de Julieta. Julieta está com ar de apaixonada. Entra a sua Ama).

AMA

- Minha senhora, a tragédia caiu sobre nós. Teobaldo, teu primo, passou dessa pra melhor.

JULIETA

- Ficou rico?

AMA

- Não, bobona, foi assassinado!

JULIETA

- Quem o fez?

AMA

- Romeu, e este foi banido da cidade.

JULIETA

- Miséria, a minha alma está feliz e envergonhada com a vida de meu amor.

(Entram Senhor e Senhora Capuleto).

Sr. CAPULETO

- Eis aqui, minha filha, o teu noivo que escolhi.

PÁRIS

- E aí, gatinha. Bora dar um rolê na praia do Amor?

JULIETA

- Quê que é isso, pai?

Sra. CAPULETO

- Ora, Julieta, Paris é de família nobre e rapaz honesto. Não tem muito cérebro, mas é o que o temos pra hoje.

JULIETA

- E o kiko?

Sr. CAPULETO

- Está decidido! Casas querendo ou não, que o assassino já não está na cidade.

CENA II

(Na igreja. Julieta e Frei Lourenço).

FREI

- Aqui está Julieta, este remédio é uma imitação da morte. Chega em casa, aceita teu noivo, depois toma isso e deita. Após teu sepultamento, acordarás e fugirás com Romeu.

JULIETA

- Como ele saberá.

FREI

- Enviei um zap! Brincadeira... Mande um menino entregar-lhe um bilhete.

CENA III

(Quarto de Julieta. Entra o seu pai).

Sr. CAPULETO

- E aí, casarás com Páris?

JULIETA

- Se é para bem do bolso e felicidade desse bobão, diga a todos que fico, aliás, caso.

(Julieta fica só e toma o remédio. Em seguida, sua mãe entra).

Sra. CAPULETO

- Ai de mim!

Sr. CAPULETO

- Onde dói, mulher!?

Sra. CAPULETO

- No peito, na alma!

Sr. CAPULETO

-É esse sutiã apertado. Eu te disse.

Sra CAPULETO

- Nossa filha está morta,

Sr. CAPULETO

- Sobre a mais linda flor de meu jardim caiu o mais frio terror, e sobre mim o castigo pior.

QUARTO ATO**CENA ÚNICA**

(Enterro de Julieta. Depois, saem todos. Em seguida, aparece o menino de recado, brincando bola, sem ligar para o bilhete que tinha de entregar. Romeu entra na catacumba, se aproxima do corpo de Mercúcio, e só depois avista Julieta).

ROMEU

- Neste veneno, minha vida vai embora. Mas, já estava morto longe de minha senhora. Não é possível...Julieta! Meu amor, eis que me encontrarei contigo... Será que há vida após a morte? É, mas já que eu tô aqui mesmo... *(toma o veneno).*

(Julieta acorda).

JULIETA

- Romeu, dormiu me esperando, meu amor. Mas... Oh! Não! O sono eterno! Uma faca, uma espada! Ei! Com que ele se matou?

ROMEU

- Com veneno, besta... *(fala Romeu quando Julieta vira-se chorando).*

JULIETA

- Ah! Foi veneno, sinto o cheiro. Pô, que mau hálito, hein! Romeu. Estavas exilado no lixão, era?

(Tapando o nariz, beija Romeu sugando-lhe o veneno. Morre Julieta, estrebuchando).

(Entra Frei Lourenço).

FREI

- Que Tragédia! Mas não era pra ser comédia, professor(a)!? Morreu, morreu. *(Baixa a voz)... antes eles do que eu.* Deus os tenha jovens amantes, pois o mundo não lhes compreendeu!

(Os corpos são carregados até a praça central. Comoção geral. Entra o Príncipe).

PRÍNCIPE

- O ódio das famílias mata a flor que acaba de desabrochar. A insensatez da violência foi maior e a paixão feneceu. Mas, o certo é que jamais houve história de amor tão triste e maluca como esta de Julieta e Romeu.

Fim

ISSO
É
RACISMO

ISSO É RACISMO

(Escrita em 2007)

Dedicatória

Dedico esta peça teatral à memória do poeta paraense Bruno de Menezes, Mestre na Arte e no humanismo preto, popular; a todas as vítimas do racismo e aos que lutam para o fim desta doença moral.

SINOPSE

Sucessão de cenas cotidianas onde se mostra de forma espelhada o quanto o Racismo tem alvos bem definidos e não atinge apenas indivíduos ou classes sociais, mas a etnia afrodescendente e seus elementos culturais, como crenças, linguagens, vestuário, aparência e arte, marcando secularmente a história de nosso país em cada espaço e estrutura social.

PERSONAGENS

Mestre de Cerimônia – Aquele que apresenta as situações e os cidadãos. Tem o rosto e as vestes cada lado de uma cor.

Cidadão Preto – Questiona estereótipos e falas preconceituosas, estimula a valorização da negritude e a luta antirracista.

Cidadão Branco – Afirma estereótipos e falas preconceituosas, defende posições excludentes e desconsidera a seriedade da luta antirracista.

As demais **personagens** abaixo se repetem, sem nome definido, desempenhando papéis sociais

Senhora Preta

Menino Branco

Menino Preto

Menina Branca

Menina Preta

Rapaz Preto

Moça Preta

Policial (*branco ou preto*).

PRÓLOGO

MESTRE DE CERIMÔNIA

- Há muitas estórias a contar. Muitas delas acontecem todo dia, a todo instante, perto de nós, mas passam despercebidas. Bem escondida em meio à realidade, existe uma doença do espírito. Vamos descobrir qual é.

CENA I

(Música negro drama, dos racionais MC's).

(Entra um rapaz preto, vestido com terno e gravata, sapatos lustrosos. Movimenta-se com sutileza e firmemente. Olha a plateia de modo sério e sereno. Em seguida, vê um mendigo branco e loiro, que estende o chapéu desgastado em sua direção).

(Ele lhe dá esmola, e o pedinte, então, agradece).

PEDINTE

- Valeu, Doutor!

(O rapaz faz leve cumprimento e sai).

(Entra uma Senhora negra, trajada com vestido longo, andando distraída pela rua, quando um menino branco passa correndo e rouba sua bolsa. Ela grita).

SENHORA PRETA

- Branquinho! Pivete!

(Chega o Policial).

POLICIAL

- O que foi, Madame?

SENHORA PRETA

- Ora, eu fui roubada.

POLICIAL

- Como era o marginal?

SENHORA PRETA

- Um moleque branquelo...

(Sai a Senhora. O Policial começa a procurar o delinquente. De repente, pergunta à plateia).

POLICIAL

- Ei! Vocês viram um indivíduo com pinta de marginal por aqui? Aquele meliante roubou na cara dura uma senhora de respeito, na saída do banco.

(Aparece novamente o rapaz preto).

RAPAZ PRETO

- Olá, Sargento, muito trabalho?

POLICIAL

- Só um figura que tá fazendo terror aqui no pedaço. Mas, eu acerto ele. Não viu ninguém suspeito por aí?

RAPAZ PRETO

- Olha, para falar a verdade, eu avistei um rapaz não muito confiável. Ele foi por ali.

POLICIAL

- Valeu, Doutor.

RAPAZ PRETO

- Disponha. Boa noite.

(Entra um Menino Branco que até então não havia aparecido em cena).

POLICIAL

- Ei! Tu aí, malandro!

MENINO BRANCO

- Tá falando comigo, autoridade?

POLICIAL

- Tem outro malandro na área?

MENINO BRANCO

- Se quer saber, eu estudo, valeu, aqui em Outeiro mesmo.

POLICIAL

- Vai passar a lição na cela, branco.

MENINO BRANCO

- Ei! Qual é? Não fiz nada, meu!

POLICIAL

- Cala a boca, seu branco!

INTERVALO

(Entra o Mestre de cerimônia, trazendo pelo braço um senhor branco e pelo outro um senhor preto).

MESTRE DE CERIMÔNIA

- Este cidadão é bastante conhecido, está muito presente em nosso dia-a-dia. Apresento-lhes o Cidadão branco. Detalhe, ele não é racista.

CIDADÃO BRANCO

- Racismo não existe mais, isso foi só na época da escravidão. É isso aí, nesse país todos são tratados como iguais, tá na constituição. O preto já pode fazer coisa de branco, não é mais como antes.

MESTRE DE CERIMÔNIA

- Este, senhoras e senhores, é o cidadão negro, personalidade antes alegre. Mas, que anda agora falando sério.

CIDADÃO PRETO

- A escravidão não nasceu com ninguém, foi criada pelo preconceito e pela maldade do homem. Negro, preto não são sinônimo de escravo. Nossos ancestrais não “eram” escravos, foram escravizados. A escravidão é filha do racismo, e não o contrário, e ele permanece até hoje. *(Continua música negro drama, dos racionais MC'S).*

CENA II

(Entra um rapaz branco. Em uma mesa, uma secretária preta).

SECRETÁRIA PRETA

- Diga.

RAPAZ BRANCO

- Eu vim pelo anúncio...

SECRETÁRIA PRETA

- *(Interrompendo-o).* - A vaga já foi preenchida!

RAPAZ BRANCO

- Mas, eu cheguei às seis da manhã, eu fui o primeiro a chegar...

SECRETÁRIA PRETA

- Só que não tem mais vaga.

RAPAZ BRANCO

- E esse pessoal aí na fila?

SECRETÁRIA PRETA

- Estão retornando para entrevista.

RAPAZ BRANCO

- Mas, o anúncio?

SECRETÁRIA PRETA

- Escuta, ô, rapazinho, o anúncio diz boa aparência, entendeu, é pra tratar com cliente VIP, você não serve.

RAPAZ BRANCO

- Mas, eu tenho experiência.

SECRETÁRIA PRETA

- Não posso fazer nada.

CAPOEIRA

E o preto continua sem aparecer.

Invisíveis somos nós

Empregado e bandido dentro da tv.

Tenho nome,

Com a cor da pele escura não molho rosé.

Pela minha negritude que você não vê.

E o preto continua sem aparecer.

Invisíveis somos nós

Empregado e bandido dentro da tv.

Intervalo**CIDADÃO BRANCO**

- O problema dos pretos é que eles mesmos se excluem. É preciso eles se valorizarem, terem alma de branco. Eles até tentam namorar as pessoas brancas, mas não combina.

CIDADÃO PRETO

- Será mesmo? Qual é a cor da maioria dos médicos, juízes, prefeitos, governadores, presidentes. Quantos são?

CIDADÃO BRANCO

- De repente eles não estão a fim.

CIDADÃO PRETO

- Somos a metade da população do Brasil, e somos tratados como minoria.

MESTRE DE CERIMÔNIA

- Senhores, deixem de discussão. Afinal, este país é uma democracia, um paraíso onde todos podem falar o que quiser... (fala baixinho), contanto que não incomode quem manda no pedaço.

CENA III

(Música identidade, de Jorge Aragão).

(Elevador de um prédio de alta renda. Uma Senhora Preta espera; e, então, chega uma Mulher branca com sua filhinha. A Senhora Preta, de cabelos encaracolados, olha de cima a baixo, com desdém para as duas, e diz):

SENHORA PRETA

- Ora, vocês não sabem ler?! Este elevador é social, para moradores. O de serviço é esse ao lado.

MENINA BRANCA

- Mas, esse daí tá quebrado. Diz na placa.

SENHORA PRETA

- Ah! A branquinha sabe ler, que bom. Então sigam aquela seta, onde diz: ESCADA.

SENHORA BRANCA *(A mãe da menina interfere).*

- Ei! Senhora, nós somos moradoras.

SENHORA PRETA

- Com certeza... Devem morar em um cubículo de empregada. Vocês não têm categoria para morar aqui.

SENHORA BRANCA

- Olhe aqui!... (*Aponta o dedo para a outra*).

(*Entra o Zelador Branco*):

ZELADOR

- Ei! Não aponte o dedo para a Madame.

SENHORA PRETA

- Senhor Zelador, esta macaca branca diz que mora aqui.

ZELADOR

- Não sei se mora, mas se não for pela escada A-GO-RA, eu chamo a polícia.

(*A criança começa a chorar. A mãe, em desespero, tenta consolá-la*):

SENHORA BRANCA

- É, minha filha, a gente branco não vale nada nesse país, mesmo.

Intervalo

CIDADÃO BRANCO

- As pessoas de cor têm de se cuidar, melhorar a aparência.

CIDADÃO PRETO

- Não! É preciso assumir o que se é, e não o que os outros querem que seja.

CIDADÃO BRANCO

- Ora, o próprio negro ou moreno é que se discrimina.

CIDADÃO PRETO

- Onde já se viu? Quem é louco para criar racismo contra si mesmo? A pessoa que não se assume preta inventou isso ou aprendeu com a sociedade?

CENA IV

(Entra uma Menina Branca, de cabelos lisos, e sua mãe, uma Senhora Branca de cabelo Pixaim).

SENHORA BRANCA

- Que imundície de cabelo ruim o dessa menina, não dá pra fazer uma trança, até broche cai. Não sei pra quem ela puxou.

(A Menina chora).

MENINA BRANCA

- Mãe! Eu queria ter cabelo de preta. Ah!

(Entra o Propagandista).

PROPAGANDISTA

- AHHHAÁ! Enrolaife é a solução!

(Mãe e filha ficam surpresas).

SENHORA BRANCA e MENINA BRANCA

- Como?!

PROPAGANDISTA

- Ora, esse é o mais novo, revolucionário e moderno produto de estética, beleza e boniteza capilar, que faz até cabelo de careca enrolar.

SENHORA BRANCA

- Não conheço.

PROPAGANDISTA

- Pois, é verdade. Não é milagre, é Enrolaife, o xampu que faz seu pelo virar Black Power.

SENHORA BRANCA

- Mas, eu não tenho dinheiro...

PROPAGANDISTA

- Não tem problema, eu faço uma prestação camarada pra senhora levar. Pagamento em trinta meses...

SENHORA BRANCA

- Ah! Me dá, me dá logo três pra garantir. Agora eu resolvo o problema desse macarrão escorrido na cabeça dessa menina.

GOSPEL

Se você pensa

Que preto precisa andar sambando

Cheio de enfeite, roupa colorida,

Que se não andar assim

Está querendo ser branco...

Isso é racismo, irmão!

Se você pensa

Que preto é sempre suspeito

Que roupa boa adianta não.

Não é só falta de respeito,

É racismo, irmão.

Mesmo que você não saiba,

Racista não anda com crachá na cara.

Racismo não escolhe classe, formação ou idade,

Ele se disfarça em muitos cantos,

Adoece o coração humano.

CENA V

(Entra um Menino Branco, posiciona-se em meio à confusão de passageiros, entre arrancos e freadas bruscas do motorista).

MENINO BRANCO

- Ô, Motora! Manera aí! Senhoras e Senhores passageiro, bom dia, peço um minuto de sua atenção. Eu tô aqui pedindo uma força pro meu trabalho. Eu não tenho vergonha, por que eu prefiro trabalhar do que tá por aí cherando cola, robando, né. Eu tô vendendo esses bombom sabor andiroba, alho e copaíba. É remédio natural. Custa apenas somente cinquenta centavos, ou dois por um vale. Vocês pode levá também pras criançada em casa. Eu vivo com minha mãe deficiente e mais doze irmão. Aquelas pessoa que puderem me ajudar, Deus lhe proteja. Quem não pode contribuir, Deus lhe dê em dobro essa caridade, viu. Um bom dia a todos e uma boa viagem.

(O menino não consegue vender, então insiste).

- Compra aí, tio. Dois por um real ou um vale. Compra, tia, só pra me ajudá. Branco também tem fome, tia.

(As pessoas viram o rosto, ignoram ou desprezam friamente o menino).

Dois passageiros pretos, um deles comenta:

PASSAGEIRO PRETO I

- Devia ser proibido esses moleques brancos entrarem no ônibus. Nunca se sabe, pode ser até bandido.

PASSAGEIRO PRETO II

- São todos uns preguiçosos. Gente dessa cor não quer estudar, nem emprego sério, se acostuma na miséria.

(De repente, o segundo passageiro se despede do primeiro e desce do ônibus).

O menino faz menção de sentar ao lado desse passageiro, ao que este reage dizendo):

PASSAGEIRO PRETO I

- Ei! Menino branco, o que é que você faz aqui?

MENINO BRANCO

- Vou sentar.

PASSAGEIRO PRETO I

- Aqui, mesmo, não. Vai roubar outro pra lá, seu fedorento!

MENINO BRANCO

- Ei, eu tô trabalhando, moço.

PASSAGEIRO PRETO I

- Branco não senta do meu lado, vai pra lá com esse teu nariz afilado, venta de flecha.

MENINO BRANCO

- Qué isso?

PASSAGEIRO PRETO I

- Sai pra lá.

MENINO BRANCO

- O senhor é racista!

PASSAGEIRO PRETO I

- Racista, não. Olha que eu te processo por calúnia. Me respeita, moleque.

MENINO BRANCO

- Então, me respeite.

PASSAGEIRO PRETO I

- Ora, seu moleque. O problema de gente da tua laia é que não quer estudar. Meu preconceito é com essa tua classe pobre desclassificada. Se for branquelo, pra mim tanto faz!

(Os dois saem discutindo).

(Música Miséria S.A., O RAPPA).

Intervalo**CIDADÃO BRANCO**

- O negócio é embranquecer, melhorar o sangue. Só assim a sociedade vai melhorar.

CIDADÃO PRETO

- Tornar-se preto é reconhecer e ter orgulho de sua origem e cultura africana. Nossa história, nosso cabelo, nossa voz, nossa beleza, nosso ritmo, nosso jeito de ser, nossos direitos.

CENA VI

(Música How do Speak, de Etta James).

(Um casal de namorados em momento de ternura no passeio público, de mãos dadas. Enquanto isso, um mendigo levanta-se e observa o casal, uma preta e um branco, e comenta com o público).

RAPAZ PRETO

- Branquelo transparente se deu bem, hein?! Arranjou uma moça linda pra namorar. É... Mas, aí tem. Com certeza, ou ele tem grana, ou fez feitiço pra ela ou ela é cega. Uma mulher dessa, de boa aparência, boa pessoa, namorando um elemento desse. Ah, se fosse minha filha...

(Entra o pai da moça preta).

SENHOR PRETO

- Minha filha, que vergonha. Afasta-te dessa coisa feia, desse branco sujo.

MOÇA PRETA

- Mas, Pai, eu...

SENHOR PRETO

- Cala a boca! Não estou dizendo! Escuta bem: filha minha não namora com malandro.

RAPAZ BRANCO

- Mas, eu trabalho, Doutor.

SENHOR PRETO

- Que trabalha! Gente da tua cor só serve para limpar chão e morar na cadeia.

MOÇA PRETA

- Pia, não faz isso, a gente se gosta...

SENHOR PRETO

- Era só o que faltava! Vamos para casa! Não a quero conversando com esse... esse... sem cor... esse bacalhau!

(A expressão do rapaz é desoladora. Ele se aquieta tão chocado que não consegue chorar, apenas fica de olhos vidrados e sai cambaleante).

(Entra o propagandista e lhe anima, convidando-o a comprar, e o leva para fora de cena):

PROPAGANDISTA

- Tudo isto é fácil de resolver. A linha Enrolaife trouxe para você o mais fabuloso EMPRETECEDOR. Você dorme pálido e acorda de cor.

CIDADÃO BRANCO

- Viram isto? Ora, senhoras e senhores, é a prova de que nossa sociedade é justa e igualitária. Não precisa desse negócio de cotas, é besteira. Isso sim é racismo. Até eu, que sou branco puro, me misturo com as belas negras de vez em quando.

CIDADÃO PRETO

- Não é por que você namora ou sai com pretos que você não tem racismo. Os feitores e senhores que escravizaram também se aproveitaram da beleza preta. Valorizar, amar é mais do que desejar, é respeitar, reconhecer a dignidade. Somos diferentes na beleza e na

cultura, mas iguais em direitos. A sociedade racista nos trata diferente (pior), como se não fôssemos gente. Por isso, é preciso leis que combatam a desigualdade, ajustem a balança social. Cotas não são esmola, são direito, são reparação para busca de equilíbrio e justiça.

Intervalo

Rap

Você não senta ao lado de preto no ônibus.

Você repete que gosta de preto,

Quando preto é bonito,

E a empregada preta lhe agrada.

É racismo, mano! É racismo, mano!

Cê tem vergonha de se dizer preto,

É moreno, mestiço, café com leite, mulato

Jambo, pardo você quer ser.

Chapa o cabelo por vergonha, pra embranquecer,

E quer seu filho casado com branco,

Loira bonita que lhe dê know how.

É racismo que lhe impuseram, mano,

Não aceite,

Suicídio moral!

É racismo, mano! É racismo!

CENA VII

(Menina Branca limpa o chão da casa. De repente, para e exhibe seu cabelo pixaim, orgulhosa de seus crespos).

MENINA BRANCA

- Sou uma nova pessoa, Enrolaife mudou a minha vida. Sou quase uma preta pura. Ah! Como eu queria ter a pele bem escura, aquele lindo brilho nos olhos e o sorriso alvo. Por que será que Deus me castigou com essa pele desbotada, opaca, sem vida. Mas, com Enrolaife, ao menos meus cabelos se ajeitaram, e eu tenho mais orgulho de mim mesma. Se eu tivesse grana, casava com um negro ma-ra-vi-lho-so!

(A menina continua a limpeza. Entra o Senhor Preto).

SENHOR PRETO

- Ei, menina, você não está limpando direito esse piso. Que imundície! Mas, *(a pega pelo braço e olha a pele dela)*. Ah! Claro! Tinha de ser. Logo vi que era serviço de branco.

MENINA BRANCA

- Mas, seu minino, dá até pra ajeitar os cachos no espelho que tá esse chão.

SENHOR PRETO

- Vocês, brancos, não se ajeitam mesmo, quando não sujam na entrada...

MENINA BRANCA

- Não seu minino, meu irmão vai é ser doutor, tá istudando.

SENHOR PRETO

- Rá! Rá! Com certeza. Escuta, ô, mocinha, lugar de branco é na favela e limpando vala e sanitário. Teu irmão tem que aprender o lugar dele.

(Chega a Senhora Preta de cabelos lisos, esposa desse Senhor).

SENHORA PRETA

- Querido! Não se misture com essa gente! Gente assim só enegrece quando tem talento pra cantar, jogar futebol, ser atleta. Alguns brancos merecem viver no nosso mundo, são vencedores, são bonitos, são exceção.

MENINA BRANCA

- Vocês são é racista.

SENHORA PRETA

- Não diga besteira, minha filha. Se há discriminação é social. Existem pessoas por aí (nós, não, claro, somos humildes), existem pessoas por aí que tratam mal os pobres. Os pobres, coitados, são desprezados. Não tem nada a ver com brancura.

SAMBA

Música ALMA NÃO TEM COR, de Chico César

Poema inspirado na música

Eu sou amarelo

De pele vermelha.

Mas, igual a você

Eu tenho alma negra.

Eu sou mestiçado

E corre em ti,

O sangue vermelho

Igualzinho a mim.

Eu sou indígena,

De pele escura,

E tenho a mãe terra

Em minha ossatura.

E sinto dor,

E sinto amores

Sorrio e sofro.

Em todas as cores.

CENA VIII

(Amigos pretos reunidos num bar).

RAPAZ PRETO

- Tu sabes a diferença entre um branco e um rato? O rato tem inteligência.

RAPAZ PRETO 2

- Essa é boa. E tu sabes o que acontece se a gente jogar um branco de cima de um prédio?

RAPAZ PRETO 3

- Ele morre?

RAPAZ PRETO 2

- Não. Se cair no chão é leite azedo, se voar é PEIDO.

RAPAZ PRETO

- Beleza! Rá! Rá! Rá!

RAPAZ PRETO 3

- Só sei que preto correndo é atleta e branco correndo é comédia.

RAPAZ PRETO

- Rá! Isso aí. Vi um branco correndo, é um monte de carne mole.

RAPAZ PRETO 3

- Eu gosto de branco, principalmente com cebola e batata.

RAPAZ PRETO 2

- Ei! Ó os homens aí.

(O camburão estaciona. Descem os policiais, salivando para humilhar alguém. Vão direto ao grupo de brancos).

(Enquanto isso, os amigos pretos observam e riem).

POLICIAL

- Vocês aí! Ô pivete, documento!

RAPAZ BRANCO

- Mas, não são nem dez da noite.

POLICIAL

- Tá me desafiando. Moleque? Cadê a identidade?

POLICIAL 2

- É isso aí! Respeito, malandro. Todo mundo no chão!

RAPAZ BRANCO 2

- Ei! A gente trabalha, viu. Por que não revista aqueles boyzinhos ali?

POLICIAL 2

- Cala a boca, brancalhada! Vamo lá, todo mundo recolhido!

(Gritaria geral. Mas, não há como resistir, os policiais estão armados, e, facilmente, amarram com cordas os rapazes e os começam a levá-los para dentro do camburão. A cena, infelizmente, lembra gravuras de Debret onde este retratou escravizados sendo conduzidos em grupo, presos por correntes e cordas).

(A cena congela).

Música “Todo Camburão Tem um Pouco de Navio Negreiro” (Marcelo Yuka)

EPÍLOGO

CIDADÃO PRETO

- Isto que vocês acabaram de assistir é uma farsa? Os lugares estão errados? ...

Eu respondo! Tudo isso acontece diferente. Esse mundo o preto vê. Mas, no lugar do branco está ele. E muita gente acha comum, engraçado, normal. Agora, quando o branco fica no lugar do preto, as pessoas talvez achem estranho, chocante ou sem sentido.

Ei, preto! Ponha-se no seu lugar! É isso o que diz o racista, achando que é justo.

E eu, agora, digo: Ei, branco, ponha-se no meu lugar! Se é que consegue. E você talvez veja um pouco como é ter na pele, no cabelo, em todo o teu ser... A marca que te faz ser visto como o diferente, o esquisito, o inferior.

Então, pense no que acabou de ver. E, ponha-se no meu lugar. Ponha-se no meu lugar! E me diga: Isso é racismo? Isso é racismo?!

(...)

E, lembre-se, preto não é coitado, cidadãos pretos são injustiçados.

Volta a música Alma não tem cor

Fim



MEDO DE
ASSOMBRAÇÃO
OU DE GENTE?

MEDO DE ASSOMBRAÇÃO OU DE GENTE?**(2008)**

Desenho do autor, 2023.

SINOPSE

As origens humanas, humanas em demasia, do Curupira, criança encantada que protege as florestas amazônicas. Outras lendas aparecem, em diálogo e confrontação com a modernidade, expondo a urbanização e seus vícios, além de antigos problemas, como os maus tratos às crianças.

PERSONAGENS

Curupira – Protetor da Matas.

Mãe Dágua – Uiara, Iara, espírito feminino que reina e protege as águas doces.

Boto – Ser que se transforma em homem de vestes brancas nas noites de lua e festa, sedutor.

Matinta – Espírito que assombra lugares do interior, vilarejos, periferias, sempre à noite e madrugadas. Tem duas formas, de pássaro rasga-mortalha e de uma mulher idosa de longos cabelos emaranhados que cobrem seu rosto. Suas vestes são envelhecidas e escuras. Emite assovios assustadores em que repete seu nome.

Cobra Grande – Sucuri que amedronta pescadores e navegadores. Vive em grandes tocas abaixo de igrejas, vilarejos ou no fundo dos rios. Foi quem abriu caminhos de água em rios, furos e igarapés.

Vitória- Régia - Indígena que foi encantada como um linda flor aquática, a maior de todas da Amazônia.

Curuperé – Criança vítima de violência doméstica.

Mãe de Curuperé

Pai de Curuperé

PRÓLOGO

Em noite chuvosa, às margens do Rio Pará, na Ilha de Cotijuba, um menino recolhia os matapis da boca do Igarapé sem nome. Não tinha muita coisa. Mas, isso não importava, pois ele queria era chegar logo, o frio era muito e ele não gostava de ficar até aquelas horas pela rua (*já eram seis horas e anoitecia*). O caminho de volta era escuro, as luzes eram fracas e muitas vezes faltava energia quando chovia. Ele não tinha vergonha de sentir medo, tinha muito medo era de seu pai, que lhe ameaçava com surra, caso os matapis não pegassem muito camarão, que era a janta e o almoço do outro dia com um pouco de açaí e açúcar quando tinha.

Essa noite ele nunca mais esqueceria, pois seu pai chegou bêbado, tomou os matapis das pequenas mãos do menino e esbravejou:

PAI

- Seu inútil, não sabe fazer nada, tu eras pra ser o homem da casa, mas não serve nem pra conseguir comida. Um camarãozinho desses que não tapa nem o buraco do dente, seu preguiçoso.

CURUPERÉ

- Mas, choveu muito.

PAI

- Num me responde, seu moleque!

E então lhe surrou muito. A mãe, mais fraca que ele, tenta sem sucesso impedir e é afastada com empurrões e gritos.

PAI

- Agora tu vais voltar lá, vai conseguir camarão que preste.

MÃE

- Não faz isso com o menino, tá escuro, tem muita assombração nesse rumo do igarapé – *disse a mãe, desesperada.*

PAI

- Não se mete, mulher. E deixa de burrice, que assombração é coisa que não existe. Parece até que num cresceu. Daqui há pouco vai dizer que tem Matinta nas matas daqui.

MÃE

- E não tem, então? Olha, não brinca com essas coisa. Periga a gente perder o menino pra mãe d'água. Isso não é hora de gapuiar.

PAI

- Rararara. Eu que bebo tu que fica doida. Ah, tá. E isso não é hora de eu ficar com fome. Vai logo, moleque, traz camarão pra nós. Vai num pé e volta noutro – *o pai dá um pisão no pé esquerdo do menino, que segura seu grito de dor, com medo de apanhar mais.*

A caminhada é longa e fria, a chuva aumentou. Para piorar, falta energia na ilha e o menino não enxerga por onde põe seus passos, machuca seus pés.

Ele chega à beira do igarapé, mas estranha por que de repente o barulho da água para e um silêncio incrível toma conta de todo aquele pedaço, nem a chuva faz barulho mais. Então, uma voz surge de dentro da escuridão.

MÃE D'ÁGUA

- Tu não podes pescar m'ora dessas, pequeno, num sabe não?

CURUPERÉ

- Desculpa, foi meu pai que mandou. Quem tá falando? A senhora é dona desse igarapé.

MÃE D'ÁGUA

- Não sou dona de nada, meu filho, eu só cuido só. Me chamam de Iara, de Mãe D'Água, sou filha da floresta, guardo essa parte de água toda.

CURUPERÉ

- Posso botar Matapi?

MÃE D'ÁGUA

- Claro que não podes não.

CURUPERÉ

- Mas, meu pai me mata.

MÃE D'ÁGUA

- Pode não, pode não.

CURUPERÉ

- Por quê? Por favor! - *E desanda a chorar.*

MÃE D'ÁGUA

- Por que choras?

CURUPERÉ

- De medo.

MÃE D'ÁGUA

- De mim?

CURUPERÉ

- De apanhar.

MÃE D'ÁGUA

- E num tens medo de mim?

CURUPERÉ

- A senhora vai me fazer mal?

MÃE D'ÁGUA

- Só se tu fizeres mal pro rio, pescar fora de hora, a mais do que precisas...

CURUPERÉ

- Eu, Deus me livre. A senhora parece legal.

MÃE D'ÁGUA

- Que diferente tu és. Primeira pessoa que num tem medo de mim. Como é teu nome?

CURUPERÉ

- Eu me chamo Curuperé, por causa de um Igarapé lá de Caratateua.

MÃE D'ÁGUA

- Curuperé, volta pra tua casa, conversa com teu pai.

CURUPERÉ

- Ele nunca ouve a gente, ele só briga.

MÃE D'ÁGUA

- Então, vou resolver de outro jeito. Vem cá – *e toma o menino pelo braço, com carinho. Faz ele sentar-se à beira do igarapé e ele dorme, enquanto ela faz o encantamento:*

“Toma jeito de criança

E nunca mais envelheça

Virem fogo teus cabelos

Pra espantar quem mereça.

Vou torcer teus pés pra trás.

Num se perde nunca mais,

Pra enganar gente ruim

Que num respeita os curumim.

Montado em porco do mato

Corre igual o vento amigo,

Endoida quem não respeita

Bicho, gente, natureza.

Não és mais Curuperé,

Não tens fome nem cansaço,

Teu nome agora é Curupira,

O famoso Pai do Mato”

(Depois disso, ele acorda às margens do Igarapé, olha para si mesmo e fica maravilhado, sente-se livre, não tem mais fome, nem sede, vai ser criança para sempre. Em seguida, é apresentado à sua tia encantada).

MÃE D'ÁGUA

- Vem, meu filho, vem conhecer tua tia. Ela vai te ajudar.

E então começa um barulho estranho na floresta.

MATINTA

- Mattttinta Pereeeeira. Fiiuuuuuuuuuuuuuuuu! Fiiuuuuuuuu!

CURUPIRA

- Que som bonito, quem é a senhora?

MATINTA

- Oi, parente, sou a Matinta, como é que vai, tem um tabaco aí? Cof!Cof! Cof!
Brincadeira, tô deixando de fumá.

CURUPIRA

- A Senhora existe mesmo, que legal.

MATINTA

- Ah, legal mesmo é sair voando por aí, assustando os besta dos home que se fazem de corajoso.

CURUPIRA

- Rarará. Mas de que homens a senhora tá falando?

MATINTA

- É que eu me encantei depois que meu marido me machucou muito, eu fugi pra floresta e jurei viver dela pra sempre. Aprendi a fazer remédio e me alimentar das raízes, fiz minha casa na beira do rio e parei por aqui até me encantar junto com os outro. Agora assusto as pessoa violenta, os metidos a valentões e faço umas brincadeira pra passar o tempo.

CURUPIRA

- Que história.

MATINTA

- É. Mas, a gente tem muita coisa pra fazer.

CURUPIRA

- Que coisa?

MATINTA

- É que nossa família tá meio mudada, até demais.

CURUPIRA

- Como assim?

MATINTA

- Vem, tu vais ver.

Então, Dona Matinta sai levando o menino Curupira pela floresta, lhe mostrando a loucura em que estão as lendas. Primeiro eles encontram com o Boto.

BOTO

- Vai, vai, vai – ele está dançando tecno melody.

MATINTA

- Olha só esse aí.

BOTO

- Vai no caqueado, caqueado, caqueado! Treeeme, treeeme!

CURUPIRA

- É o Boto, né?

BOTO

- Faz o B, faz o B.

MATINTA

- Ei, sobrinho. Baixa esse som.

BOTO

- Qualé tia, toma uma latinha de refrigerante aí.

MATINTA

- Num tomo essas coisa, menino. Ei, onde tu tá jogando esse monte de lata?

BOTO

- No rio ora, todo mundo joga. Jogar no rio quando a gente viaja de barco, ver as latinhas e os sacos plásticos boiando, é firme. Todo mundo joga, e eu agora tô na moda.

MATINTA

- Ai meu Deus, esse mundo tá perdido.

Vão adiante e encontram com a Cobra Grande.

COBRA GRANDE

- Gudi morni.

MATINTA

- Fala direito, seu coisa.

CURUPIRA

- Ei, é a Cobra Grande!

MATINTA

- Esse é o Noratinho, agora tá com essas pavulage. Foi só conhecer uns gringo que viero pru Vai-Quem-Quer.

CURUPIRA

- E esse monte de lixo aí em volta?

MATINTA

- São as lembranças que os turista deixaram, tem pra todo lado, nas ruas, no rio, nos quintais das casas. Quando acaba feriado e férias a Ilha fica assim. E a Cobra Grande, que antes assustava essa gente, agora quer ser de fora disque.

COBRA GRANDE

- Lixo is veri gudi, Matinta. Bye, Bye.

CURUPIRA

- Que coisa – *fala admirado o menino*. E o que a gente pode fazer?

MATINTA

- Eu pensei em dar um susto nessa gente. Vou te explicar.

(Apagam-se todas as luzes. Em seguida, os dois cochicham e logo depois amanhece na floresta. Todos se assustam, pois o rio desapareceu. Entra a Vitória-Régia, desesperada).

VITÓRIA-RÉGIA

- “A ignorância, a sujeira venceu

Nossas matas vão morrer

O sol vai secar e escurecer

Pois a vida se perdeu.

As lendas correm perigo,

Mataram nosso lugar.

Se não mudarmos isso

Noite eterna virá”.

(A Cobra Grande começa a correr para limpar tudo, o boto tira o fone de ouvido, larga o celular e vai ajudar, a Vitória-Régia chora. Chega, então, a Mãe D'Água fala).

MÃE D'ÁGUA

- Meus filhos, tudo se acabou, não tem mais jeito.

COBRA GRANDE

- Égua, não! Ainda deve ter algum um jeito!

MATINTA

- Ah, tu já fala paraense de novo? – *Brinca a Matinta.*

CURUPIRA

- Como? Que jeito?

COBRA GRANDE

- A gente tira todo o lixo, coloca placas e lixeiras nos barcos e nas ruas, educa as pessoas. Tem que Mudar tudo isso, não pode continuar.

BOTO

- A gente pode voltar a dançar carimbó, que fala do meio ambiente, de preservar a nossa cultura, o nosso lugar, a nossa gente – diz o Boto.

CURUPIRA

- E as aparelhagens? Vão tocar tão alto pra perturbar a floresta?

BOTO

- Tem que colocar o som mais baixo. Não é proibido gostar de música, mas que não perturbe quem não gosta. Ninguém é obrigado a ouvir a música dos outros.

MATINTA

- Mas, e o rio?

Todos choram: - Ahhhhhhh!

MÃE D'ÁGUA

- Seus besta, olha o rio aí – diz a Mãe D'Água, e retira o rio de dentro de uma cabaça.

Todos celebram dançando a música *Esse Rio é Minha Rua*, de Paulo André e Rui Barata:

“Esse rio é minha rua

Minha e tua Mururé...”

Fim

PAI

PAI

(2008)

SINOPSE

Em conversas cotidianas, entre amigos, são expostos os mais simples ou mais terríveis sentimentos. A Homofobia é um dos preconceitos mais correntes em meio aos diálogos em comércios e lares brasileiros, como neste pequeno episódio.

PERSONAGENS

Pai

Amigo do pai

Filho

*(No açougue).***AMIGO DO PAI**

- Aí ele disse: Ei! O bofe quer negociar!

PAI

- Há, há, há! Essas bichas são burras mesmo, né?

AMIGO DO PAI

- Ei, cara, não exagera...

PAI

- Que é isso, rapaz? Tem vergonha de falar, é? Não gosto, tenho ódio de bicha! Gay cominho é na ignorância!

AMIGO DO PAI

- A piada não é pra ofender, cara. Tem piada de açougueiro também, sabia?

PAI

- Me respeita, Ô. Eu corto carne há onze anos e sou é macho. E te digo mais, se um filho meu tivesse essa doença, eu desprezava, preferia ver ele morto.

AMIGO DO PAI

- Não fala besteira, rapaz. Filho é filho. Não importa a vida que leva.

PAI

- Ahhh. Tá bom.

Tempos e tempos depois. No açougue.

(Entra um rapaz, um pouco tenso).

FILHO

- Pai! Pai!

(Entra o açougueiro novamente, agora mais velho).

PAI

- Ehh, filho, espera, tem paciência. Papai tava lavando as mãos. Tu vais sair? Se arrumou rápido...

FILHO

- Quando a mãe tava viva tu falavas, lembra, “tá parece tua mãe pra se arrumar”. Hahah.

PAI

- Mas, por que a pressa?

FILHO

- É que a gente precisa conversar.

(O Açougueiro observa seu filho, observa o entusiasmo. E então arrisca).

PAI

- Meu filho, tá feliz demais. Novidade boa, é? Tá namorando?!

FILHO

- Bem...

PAI

- Mais que isso? Vai se casar?

FILHO

- Tipo isso. A gente vai viver juntos.

PAI

- Eita. Eu tava brincando.

FILHO

- Pai, lembra do Mado?

PAI

- Sim, aquele amigo teu. Quê que tem? Ele vai ser o padrinho?

FILHO


- Pois é, pai. Eu e o Mado, sabe, a gente vai viver junto (*pausa*). A gente se ama, pai.

PAI

- Meu filho. (*começa a chorar, emocionado*). Meu amor. Eu imaginava que fosse acontecer.

(Os dois se abraçam. Então se despedem, e o filho sai. O pai fica melancólico, escorado no balcão do açougue).

Fim



EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO

(2009)

SINOPSE

Numa escola qualquer de nossas periferias do Brasil, um grupo de estudantes se encontra no pátio e o tema da brincadeira é o dia a dia da educação.

PERSONAGENS

Diversos Estudantes. O número pode variar em torno de dez pessoas.

(Todo se movimentam batendo latas com pedaços de madeira de modo ritmado, primeiro lentamente. E vão acelerando batidas e movimento corporal até que param num repente e alguém toma a fala).

- Paaaaarem!

Todos param para escutar.

Fala formal – A Educação é prioridade neste país!

(Caminhando em ritmo médio e alternando falas).

Agora, falas comuns de se ouvir no ambiente escolar. O grupo deve refletir sobre quais personagens dizem essas falas, e inclusive acrescentar outras que tenham aparecido em suas vivências escolares.

- Ele não sabe nada!

- Ela não faz nada!

- Preguiçosa!

- Preguiçoso!

- É prova! Ahhhhh *(todo o grupo reage).*

- Qual é mesmo o nome da professora?

- Professora, qual é o seu nome?

- Hoje vamos fazer uma redação.

- Redação! Redaçãoooooooooohhhhhh! (*Todos reagem*).

- Cala a boca!

- Vem calar...

- Vale ponto? (*Todos se alternam em falar a frase em diversos tons e intensidades*).

Fala formal – Não há verbas suficientes!

- Não há verbas suficientes. (*Todos se alternam em falar a frase em diversos tons e intensidades*).

- As crianças e os jovens são o futuro desse país. (*Todos em uníssono*).

- Fessôra, solta a gente! (*Todos em uníssono*).

- Fessô, deixa a gente estudar pra prova de hoje? (*Todos em uníssono*).

Falas alternadas.

- Seus burros.

- Suas pestes.

- De que é mesmo essa aula?

- Não tem merenda!

- Só tem ovo.

- Só tem ovo?

- Só tem ovo!

- Só tem ovooooo! (*Todos em uníssono*).

- Desse jeito a educação...

- Vai por água abaixo (*todos em uníssono, falam e simulam afundar tapando o nariz*).

- Vamos estudar, vamos estudar, vamos estudar (*repetem diversas vezes enquanto se movimentam livremente e batem as latas ritmados. De repente param*).

- Porrada!

- Porrada! Porrada! (*Todos de modo confuso*).

- Filma, filma, filma.
- Consciência agora é um canal desativado no youtube.
- Estou acordado? Todos dormem?
- Aprender é mais do que direito!
- É necessidade! Nem sempre é Vontade!
- Necessidade. Vontade. (*Três estudantes, falam como zumbis, repetidamente*).
- Necessidade.
- Devia ser vontade.
- Podia ser mais feliz estudar.
- A aula começa amanhã!
- O quê? Amanhã?!
- Amanhã! Amanhã! Amanhã! (*Todos em confusão*).
- O professor veio hoje?
- Ele tá chegando.
- Ahhhh! (*Todos em decepção*).
- Égua, esse professor não falta.
- Pior.
- Ei, o professor tá doente!
- Ehhhhhhh! (*Todos em festa*).
- Não tem aula.
- Ehhhh (*todos em confusão*).
- Não tem aula?! (*Em tom descontente*).
- Queremos aula! Queremos aula! (*Todos caminham e cantam em protesto*).
- Aula não se assiste, aula se vive.
- Ahn? Ahn? Ahn? (*Confusos*).

- Quem educa quem? (*Todos em uníssono*).
- Ninguém perguntou o que eu aprendi.
- O que quero aprender?
- Onde eu vou usar isso?
- Eu já sou alguém, não quero esperar pra quando crescer.
- Não somos só futuro.
- Nós estamos presentes.

Respondendo à chamada das formas mais variadas e criativas:

- Presente!
- Tô aqui...
- Presunto!
- Eu!
- Tá cuidando dos irmãos dela!
- Fiuuuuu (*assoviando*).
- Alô!
- Morreu...
- Namorado dela não quer que ela venha pra escola!
- Tá gazetando, profe!
- Ela tá grávida, fessô!
- Presente! (*Todos em uníssono. Aqui pode se lembrar pessoas relevantes para a escola ou comunidade e repetir – Presente!*).
- A vida... (*todos*).
- É agora!
- O mundo... (*todos*).
- É já!

- O momento... (*todos*).
- Eu faço!
- Eu sou o presente!
- Eu sou o presente!
- Ehhhhhh! (*Todos*).
- Passei!
- Passei!
- A professora me deixou de recuperação...
- Eu fiquei só em quatro.
- Onde vocês vão passar as férias?
- Aqui mesmo, mana.
- Outeiro.
- Outeiro.

(Todos juntos montam uma van lotada, simulando as curvas, porta abrindo e fechando, cobrador pendurado na porta).

- Outeiro! Outeiro! Ainda tem vaga! Só tem cadeira em pé. (*Cobrador da van*).

Terminam entrando na van, montada com os corpos dos atores em conjunto, circulando pelo espaço. Depois saem cantando.

Sugestão de música: O Trenzinho

Na estação, cedo de manhã

Vejo trenzinhos um atrás do outro

Vejo o capitão soando o apito

Paff paff, tuf tuf vai partir

Paff paff, tuf tuf vai partir

Fim

A ILHA

A ILHA

Saga de uma Terra Sem Medo - julho de 2010

SINOPSE

A velha e corroída imagem da colonização, com suas desumanidades e ilusões, apresentada em símbolos que nos levam a uma viagem melancólica por nossa história.

PERSONAGENS

Diversos marujos, que se alternam em falas e compões juntos os objetos e movimentos do mar, do navio, entre outros.

(Atrizes e atores todos vestidos de vermelho, com luvas pretas. E entram indagando uns aos outros):

- Onde o mundo?

(Diversas vezes, em vários tons diferentes).

- Onde o começo da ilha?

(Mesmo processo da frase anterior, juntos formam uma embarcação, que joga a ponto de quase virar).

A embarcação vai sendo desmontada aos poucos, à medida em que se mudam as personagens.

- Onde a bola azul?

(Uma criança pergunta).

- Bola no telhado

(Responde quem passa na rua).

- Azul no firmamento

(Diz o poeta apaixonado).

- Céu cinzento, futuro amargo.

(O pajé profetiza).

- Gole de café, por amor de deus.

(O bêbado equilibrista).

- No princípio, a ilha. As coisa, os coiso e nós tudo só uma coisa só, mãe da mata, mãe de tudo vivo, sol sobre nossas cabeça, de nós pai.

(O pajé conta).

- De quem o sonho, mestre?

(Guerreiro).

- Dos curumim nas brincadeira.

(Pajé).

- Mas, onde a vida, mestre?

(Guerreiro).

- Nas água, nas correnteza.

- Por que não mais hoje essa beleza?

- Tempo sem ser, sem verbo, sem palavra.

- Tempo de que, sua alteza?

- Tempo de medo, vossa esperteza.

- Como não isso, vossa pobreza?

- Medo de bicho, cobra, tristeza?

- Medo de gente!

- O invasor marcou-me para sempre...

- Terra à vista!

Fim

O BOI MISTERIOSO DE ITAITEUA

CRIANÇA ENCANTADA



O BOI MISTERIOSO DE ITAITEUA – CRIANÇA ENCANTADA

(Caratateua, abril de 2019).



Desenho do autor, 2023.

SINOPSE

Na Ilha de Caratateua, em tempos de outrora, uma criança em risco de morte é encantada para sobreviver numa existência cheia de drama e poesia.

PERSONAGENS

Vaqueiro (seu Apolo). – Pai e amo do Boi

Dona Daria – Mãe do Boi

Capataz – Empregado do fazendeiro

Fazendeiro – Latifundiário da Ilha

Mãe Ambrosina – Curandeira, parteira experiente que pegou a criança ao nascer e o encantou.

Boi Misterioso – Criança encantada.

Coro – Todos podem participar de acordo com cena

Entrada

VAQUEIRO

Chegou, chegou

Meu boizinho de brinquedo.

Chegou, chegou

Com seu urro de bezerro, ô, ô.

Nasceu em Caratateua,

Tem sorriso de criança,

Vem trazendo o povo inteiro

Pra dançar a sua dança.

O seu canto traz beleza,

Pela vida dessa Ilha.

Ele vem de Itaitéua

Transformado em maravilha.

Vem meu Boi Misterioso,

Me revela teu segredo.

Quero ver o teu tesouro
Meu boizinho de brinquedo.

És de pano ou de madeira,
De estrela ou de luar,
Vem cantar a tua história,
Vem brincar no meu quintal.

(Na fazenda).

FAZENDEIRO

- Me traga um couro bem fino, de novilho bem escuro, negro como a noite de inverno.

CAPATAZ

- Vou no Curtume do Maguary, lá deve ter algum do bom assim.

FAZENDEIRO

- Dá um jeito, quero logo.

CAPATAZ

- Vou já.

(Passa um tempo procurando e nada).

CAPATAZ

Nessa Ilha toda, nada feito, nem em Pinheiro encontrei. E agora?

VAQUEIRO

- Meu Boi é Boi de verso,

Meu lindo xerimbabo.

Não vendo nem empresto,

Dinheiro não é pasto.

CAPATAZ

Bom dia, seu Vaqueiro,

Preciso desse agrado.

Eu dobro qualquer preço

Pra ter esse seu gado.

VAQUEIRO

- Nem hoje nem nunquinha.

Esse é meu Boi amado

E faz parte da família,

Não é bicho de trabalho

CAPATAZ

- Patrãozinho quer um couro

Pretinho que nem esse.

Não seja mais um tolo,

Aceite o que oferece.

VAQUEIRO

- Escute o que eu lhe digo

E não é por pavulagem,

Mas, esse meu novinho

Não vai lhe trazer vantagem.

CAPATAZ

- Pois, deixe de potoca,

Eu conheço mentiroso.

Nesse boi se ponha preço,

Da carne, pele e osso.

VAQUEIRO

- Só digo a verdade,

Esse boi foi bem curado,

Reza de mãe Ambrosina

E é bicho abençoado.

CAPATAZ

- Não sei se existe isso

De animal ser benzido.

Mas, só sei que meu patrão

É senhor muito temido.

VAQUEIRO

- Não perca o seu tempo,

Tenho hora marcada.

Minha mulher Maria

Me espera pra toada.

CAPATAZ

- Lhe dou só um conselho,

De quem não lhe conhece,

Melhor fazer o preço.

Quem não pensa padece.

VAQUEIRO

- O senhor me desculpe,

Mas a resposta é não.

Que Deus sempre me ajude

A honrar minha missão.

Eu guardo esse bichinho

Com minha própria vida,

É minha inspiração,

Não é couro nem comida.

(Chegada na Fazenda)

CORO

Ê, patrão, que nos explora

Ê, patrão que enriquece,

É senhor de muito gado,

Ai de quem não lhe obedece.

É mimado esse senhor,

E chora feito criança.

Se não lhe faz a vontade

Ameaça, faz chibança.

(Na fazenda).

CAPATAZ

- Voltei sem a encomenda,

Mas tenho a solução,

Roubar um Boi bem pretinho

Dum tal velho sabichão.

É um tipo dum vaqueiro

Que tem um boi arrumado,

Diz que o bicho é benzido

Que tem o corpo fechado.

FAZENDEIRO

- Então vá e não falhe.

Aqui sou eu quem manda.

Vaqueiro nada vale

Nessa terra de mangas.

(O capataz vai até o sítio de seu Apolo. Rouba o Boizinho, prende ele num cercado. Mas, pela manhã, nada de bicho. Dentro do cercado tem uma criança, um menino dormindo, acorda triste, assustado, sem saber onde está).

CAPATAZ

- Pequeno, o que tu fazes aí?

BOI MISTERIOSO

- Sei não, eu tava na casa de meu pai, dormindo. Acordei aqui. Me solte, moço.

CAPATAZ

- Quem é teu pai?

BOI MISTERIOSO

- Seu Apolo, o vaqueiro.

CAPATAZ

- Ah, então espera que vou chamar teu pai.

(No sítio do Vaqueiro).

CAPATAZ

- Ei vaqueiro

Seja esperto,

Venda o boi,

Faz o certo.

VAQUEIRO

- Não sei quem foi o peste,

Mas tô desconfiado.

Meu Boi sumiu de noite,

Quebraram meu cercado.

CAPATAZ

- Deixe dessa história.

Eu quero lhe ajudar.

Devolvo sua cria

Se o novinho eu levar.

VAQUEIRO

- De quem estás falando

Seu grande maluvido?

CAPATAZ

- Eu falo de um bem gito, que apareceu por lá.

VAQUEIRO

- Valha, nossa senhora,

Nazaré abençoada.

Meu boi o senhor roubou.

Deixe de caçoadas.

CAPATAZ

- O boi eu quis pegar.

Mas, a noite enganou.

No cercado foi parar

Foi o filho do senhor.

VAQUEIRO

- Esse era meu filho.

Esse é nosso segredo.

Foi um encantamento

Pra não morrer tão cedo.

Tinha dias de vida,

De um mal foi judiado.

Mas, uma benzedeira

Salvou-lhe transformado,

Pois só como Bezerra

Podia ser livrado.

Agora na verdade,

Só quando a lua brilha

Nosso boi vira menino

Cantando as maravilha.

CORO

(Toada Misteriosa).

Nosso lindo menino,

O novilho da terra,

É o Boi Misterioso,

Boi que canta e não berra.

Olha o Boi, nosso querido,

Olha o Boi de nossa Ilha,

Eia, Boi Misterioso,

Vai perder a sua vida.

BOI MISTERIOSO *(Minha Missão).*

Tenho muita sede, mãe

De beber justiça sempre.

Lutar pela vida mais,

Cantar para minha gente.

Muita terra por aí,
E tem criança com fome,
Quem mais trabalha aqui,
É sempre quem menos come.

Na solidão do campo, a mãe lamenta.

DONA MARIA

Onde andará meu filho,
Que será de seu futuro?
Deus, devolve meu menino,
Ele tem medo de escuro.

BOI MISTERIOSO

- Mesmo preso nesta cela
E cercado de amargura,
Não se prende a poesia,
Não se mata alma pura.

DONA MARIA

- Eu não vou te abandonar,
Tua voz vai ser ouvida.
Onde meus pé alcançar
Vou louvar a tua vida.

VAQUEIRO

- E vivo ele vai sendo,
Nosso Boi de toada.

Ele canta no tempo,

Ele junta manada.

Ehhh, Boi!

(Começa a se formar um grande cortejo de trabalhadores, famílias. Caminham até a fazenda, mãe, pai e muitos camponeses, vaqueiros e amigos).

(Tentativa de morte)

CAPATAZ

- Mas, então, dou um jeito.

Nasceu menino, morre boi

Vou tirar o couro preto

Enterro o resto depois.

BOI MISTERIOSO

- Não faça desgraça dessa,

Não mate minha esperança,

Não se rouba alegria, poesia,

Nem de boi nem de criança.

Não me trisque, capataz.

Não sabe o que vem depois.

Sou menino de meus pais,

Ambrosina abençoou-me.

CAPATAZ

- Ora, nada, menino,

Que a faca é afiada.

É só uma furadinha,

Pra findar sua jornada.

(Chega o Seu Apolo Vaqueiro).

VAQUEIRO

- Não se mexa, capataz

Ou lhe acabo dessa vez

Eu lhe furo por detrás,

Vou parar é no xadrez.

CAPATAZ

- Me perdoe, Seu Apolo,

Só fiz o que me mandou

Fazendeiro bem maldoso,

Que seu Boi já desejou.

Me deixe vivo e eu juro

Ser seu anjo protetor...

(O capataz foi poupado por Seu Apolo e fugiu rapidamente. Nunca mais apareceu por aquelas bandas).

CORO

Ele fugiu na carreira,

Nunca mais foi avistado,

Esse quase matador,
Do Boizinho abençoado.

Fez-se a festa,
Fez-se a vida.

A tristeza se acabou,
Nessa terra tão sofrida.

(Chega Ambrosina).

MÃE AMBROSINA

- Eu sonhei contigo,
Criança tão carinhosa.
Mandaram te libertar
Dessa sina Misteriosa.

Não mereces mais viver
No feitiço que te esconde.
Chega de tanto sofrer,
Vai voar teu verso longe.

CORO

E desde aquele dia
Nosso Boi misterioso

Espalha sua alegria,
Virou menino de novo.

E celebra a liberdade,
Não aceita violência,
Faz toada de verdade
A brincar sua inocência.

Vira boi de brilho e cor.
Natureza é sua festa.
O menino é um ator,
Seu mistério é sua peça.

E trovando e toando
Vai contando sua história.
Se enfeita todo ano,
Sobrevive na memória.

Vive em matas e florestas,
Se apresenta nos quintais,
No barraco dos mais pobres,
Em quadrinhas e cordéis.

DESPEDIDA

Vou-me embora, meus amigos

Levo aqui no coração

Com carinho gente e bichos,

Dividindo esse pão.

Um abraço do amigo.

Sou o Boi Misterioso,

Sou da Ilha, sou menino

Sou cultura do meu povo!

Fim



URUBU FIDÉLIS

URUBU FIDÉLIS

(Maio de 2022)

Para minha querida amiga Nailce, seu esposo Celso e toda sua família. Com carinho.

SINOPSE

O genocídio contra indígenas faz vítima uma aldeia, localizada onde hoje é a cidade de Marapanim, e o Pajé decide preservar a memória e o sangue de seu povo na sobrevivência mágica da última criança ferida.

PERSONAGENS

Curumim - Criança indígena, última sobrevivente.

Urubu – A curumim encantada.

Pajé – Sábio da aldeia.

Rei – Colonizador, invasor das terras indígenas.

Soldados – Exército do rei. Bajuladores.

Capitão – Líder do exército.

Menina da Ilha – Criança que migrou de Marapanim para Caratateua com a família.

Borboletinha azul – Menina da Ilha se transformou.

Siri

Caranguejo

Quero-quero

Compadre Vágado – Matuto

Comadre Chica – Matuta

Coro – Todos que estiverem disponíveis de acordo com a cena.

SAUDAÇÃO

Vem voando devagar,

Vem trazendo a ilha inteira.

É o Pássaro Urubu,

Filho de Caratateua.

Senhora(es) dona(os) da casa,

Peço licença pra entrar.

É o Urubu que vem chegando,

Pro seu (sua) dia (noite, tarde) alegrar.

O meu voo é liberdade,

Pra chuva anunciar.

Quero festa na cidade

Carimbó pra se dançar.

APRESENTAÇÃO

Bem-vindo ao Monturo do Urubu,

Feliz estou em te acolher.

Vamos juntos receber o passarinho

Que faz a cultura sobreviver.

Oh, Senhoras e senhores,

Eu lhes conto essa história.

Pra fazer a brincadeira,

E celebrar a memória.

Na aldeia Pacajá,

Chamada Marapanim,

Nasceu a criança bela,

Criada com açai.

Que depois se transformou,

Virou urubu valente,

A (o) guerreira (o) encantada (o)

Que salvou a nossa gente.

Ela (e) é só uma criança,

Mas, não é criança só.

Ele traz em suas asas

O saber de sua vó.

Veio de terra distante

Brincadeira era pescar

Seu olhar é uma joia

Seu sorriso é pra sonhar.

CARANGUEJO

O sonho de gapuiar,

Vem cá ver.

A vida de pescador,

Vem viver.

O som do meu Carimbó

É de paz.

Camarão dorme no mar

E se vai.

Menino brinca na areia,

E respeita o passarinho,

Não deixa ele morrer,

Não joga pedra no ninho

Deixa quieto o urubu

Que não faz mal a ninguém

A carniça que ele come

Limpa os mares também.

MATUTAGEM

(Dois cabocos conversando na beira da praia).

COMADRE CHICA

- Eh, Cumpadre Vágado.

COMPADRE VÁGADO

- Eh, Cumadre. Donde a senhora vai já com este monturo de lixo.

COMADRE CHICA

- Que lixo nada, cumpadre, isso é coisa que tava na maré, se aproveita tudo. Olha, esse aqui é meu caneco... meu prato... minha escova de limpá a dentadura... meu pinico... ah, e esse refrigerante aqui tá bonzinho, encontrei mês passado.

COMPADRE VÁGADO

- Vixe, cumadre. A senhora tem de tudo aí, num tem extrato não nessa coisarada toda?

COMADRE CHICA

- Pra que, já, cumpadre?

COMPADRE VÁGADO

- Hun, hun. Pra saí essa catanga que vem dessas banda...

COMADRE CHICA

- Ah, cumpadre, isso é a maré. Ou então os urubu mexendo naquela carcaça de boto ali.

COMPADRE VÁGADO

- Tá bom, cumadre. Vô fazê que acredito.

COMADRE CHICA

- Ei, menino, faz isso não, pequeno, num se joga pedra nos urubu. Ele ajuda nós a limpá a praia.

COMPADRE VÁGADO

- Moleque danado! Aqui nessa Praia do Arrombado tem minino demais, cumpadre.

COMADRE CHICA

- Hahaahha.

COMPADRE VÁGADO

- Tá rindo dos moleque?

COMADRE CHICA

- Não, do Arrombado. Mas quem que butô esse nome aqui, né cumpadre?

COMPADRE VÁGADO

- Pois é, mais ali na ponta é a Praia da Romana.

COMADRE CHICA

- E lá prairdrento é a nossa terrinha...

COMPADRE VÁGADO

- É, Tamaruteeeeu!!!

COMADRE CHICA

- Égua da terra booa!

COMPADRE VÁGADO

- Mas esse nome, donde será que vem?

COMADRE CHICA

- Disque é dos nativo que morava aqui, antes dos branco chegá.

COMPADRE VÁGADO

- A modo que tudo nessas banda era deles né, cumpadre, os nome, as mata, eles cuidava de tudo.

COMADRE CHICA

- Onde tá esses índio agora, será?

COMPADRE VÁGADO

- Pois é...

(Tomando posse, inventando a miséria. Entram soldados e depois o Rei).

CAPITÃO

Em nome do rei,

Tomo posse desta terra.

Até onde a vista alcança

Será Freguesia de Nossa Senhora da Vitória de Marapanim,

Pertence a Cintra e Curuçá.

REI

- Estes rios são meus?

CORO

- São vossos, meu Rei.

REI

- E estas florestas, minhas?

CORO

- Todas elas, meu Senhor.

REI

- E este povo de pele queimada de Sol?

CORO

- São teus servos, Majestade.

REI

- E esse pássaro tão belo

Que voa assim distante

Com a cor da noite...

(Urubu faz cocô no manto se Sua Majestade).

Oh, atirem nele,

Esse maldito sujou o manto sagrado.

(Inicia-se o massacre. A aldeia pacífica vira cenário de guerra).

CORO

Em Maíra nós estava

A mãe da mata e floresta.

Tinha fartura de caça,

Muita fruta, muita pesca.

Homem branco se chegou,

Fez de nós “seus amigo”,

Parente se alegrou,

Fez festa, não viu perigo.

E a da noite pro dia,

A morte veio chegando.

Roubaram nossa alegria,

Nosso riso se fez pranto.

As árvores queimando

Tanto sangue derramado,

A floresta em agonia

E a dor pra todo lado.

Tentaram findar a vida,

Esquecer os nossos deuses,

Proibiram nossa língua,

Nos vestiram feito um deles.

Mas, os filhos dessa terra

Têm o sangue de guerreiro,

Não se entregam por promessa,

Ameaça ou tiroteio.

Resistimo e foi muito

Pra mais de vinte lua,

Mas, chegaram feito vulto,

E deixaram a terra nua.

Eles chamou nós de índio,

Escravizou nossos parente,

Disse que nós num era gente,

Começou o genocídio.

MATUTAGEM

COMADRE CHICA

- É cumpadre, dispois dessa matança as coisa num ficaro fácil.

COMPADRE VÁGADO

- Mas, se eles pensava que acabava com os nativo...

COMADRE CHICA

- Cabaro nada, cumpadre. É só olhá. O carimbó tem som de aldeia, onde a gente anda nessa terra tem comida de índio.

COMPADRE VÁGADO

- Avuado, moqueado, farinha boooa, caribé, beijú, açai, hummmm.

COMADRE CHICA

- Tudo por aqui tem nome de índio.

COMPADRE VÁGADO

- A sinhora tem cara de mingau de cruêra, cumadre.

COMADRE CHICA

- Melhó do que tê chêro de tamatá podre.

COMPADRE VÁGADO

- Itai...

COMADRE CHICA

- teua!

COMPADRE VÁGADO

- Carata...

COMADRE CHICA

- teua!

COMPADRE VÁGADO

- Tucuma..

COMADRE CHICA

- Êra!

COMPADRE VÁGADO

- E tem as rede, boa de dá um cuchilo.

COMADRE CHICA

- E será se num sobrô mais nada, cumpadre?

COMPADRE VÁGADO

- Olha, dizi pur aí que o último dos Pacajá foi incantado.

COMADRE CHICA

- E foi? Como já?

(Na Aldeia).

PAJÉ

Esse menino

Que está ferido

Não pode morrer.

Ele é o derradeiro

De nossa gente,

É a semente

Que vai renascer.

Vira pássaro menino,

Escolhe quem tu quer ser,

Vai ser bicho e pequenino,

Pra poder sobreviver.

CURUMIM

- Quero ser Sabiá Pajé.

PAJÉ

- Não sei se esse bom é.

CURUMIM

- Por quê, já?

PAJÉ

- Sabiá que voa baixo,

Todo mundo quer caçar.

Desse jeito nossa gente

Fácil vai se acabar.

CURUMIM

- Quero ser águia então.

PAJÉ

- Não sei, não.

CURUMIM

- Por quê?

PAJÉ

- Águia voa distante,

Numa grande solidão.

Desse jeito nossa gente

Se perde nesse mundão.

CURUMIM

- Então quero ser urubu,

Filhote pra sempre.

PAJÉ

- Esse parece bom.

CURUMIM

- Por que, Pajé?

PAJÉ

- Urubu não se caça,

E voa com seus parente.

Nossos avós doutras terras

Foram estrelas diferentes.

Constelação do Urubu

Sempre guiou nosso povo.

Os antigos Kaapós

Vão viver em ti de novo.

Voa bem alto menina (o),

Contigo tu vais levar

Herança de nossa gente

Começa noutro lugar.

CORO

- Que lugar é esse?!

MATUTAGEM

Chegando em Caratateua.

COMPADRE VÁGADO

- Eeeita, povo doido esse, cumadre.

COMADRE CHICA

- Será se vamo se dá bem nessa terra nova, cumpadre?

COMPADRE VÁGADO

- Num sei, não. Nem dexáro nós armá as baladera na barca!

COMADRE CHICA

- E num é, e num é!!

COMPADRE VÁGADO

- Rumhum! E os policiá inda quiria nós tirá da barca. Gente istranha essa.

COMADRE CHICA

- Eles chamo disque de camarão a barca. Rará.

COMPADRE VÁGADO

- Num é camarão, cumadre, é cartamarão.

COMADRE CHICA

- Carta...Catarrão... carma.... viixe! Sei falá isso não.

COMPADRE VÁGADO

- I quebraro a ponte logo quando nós vai chegá.

COMADRE CHICA

- Qui arrumação. Mas, era melhó umas rabeta aqui. Era direpente que nós travessava.

COMPADRE VÁGADO

- Essa tar de Caratateua é terra de coisa istranha.

COMADRE CHICA

- E o comandante, já. Disque me disse: A Senhora num pode adentrá com esses entulhos e residru no cartamarão. Mas que tar, nam. Chamando minha saca, minhas rede, das minhas cuisa, de intulho! Disque adentrá, eu só quiria imbarcá, cumpadre. Mas que residru..... hahah. Mas qui diabo é residru?

COMPADRE VÁGADO

- Monturo, sim. Entulho não, né, cumadre.

COMADRE CHICA

- Hen, hen.

COMPADRE VÁGADO

- Isquisito aqueles pessoá gritano né?

COMADRE CHICA

- É, na barca cartamarão uns reza, otros vende, otros pede, otros briga. E uns faz tudo isso junto.

COMPADRE VÁGADO

- Ô, povo animado. Já tô até gostando daqui. Rararara

COMADRE CHICA

- Como o ôtro dizia na travessia da barca, depois que nós num deu dinheiro?: *(falando com tom solene, voz empostada)*: “Nós num semo nada nessa vida, somo menos qui bactéra. Deus num precisa di nós. Se arrepende antes que seja tarde”.

COMPADRE VÁGADO

- Qui diaxo já é bractéra, cumadre.

COMADRE CHICA

- Deve sê tipo uns sarnambizinho, ou camarãozinho.

COMPADRE VÁGADO

- Êpa, camarão só de Marapanim.

COMADRE CHICA

- Pois intão!!!

CHEGADA DO URUBU *(Cortejo)*.**CORO**

Nascido em Tamaruteua

Filho do céu e do ar,

Em busca de um aldeia,

Onde eu possa pousar.

Vim de longe minha gente,

Nasci de frente pro mar,

Eu fugi de minha terra,

Mas, gostei deste lugar.

Que lugar é esse?! (3 vezes).

- Caratateua! (Todos).

SIRI

Chegou, chegou (2 vezes).

Urubuzinho chegou.

Ele pega todo mal

E transforma em alegria,

Ele faz a solidão

Virar festa e fantasia.

Chegou, chegou (2 vezes).

Urubuzinho chegou.

O que parecia morto

Agora volta pra vida,

O que era desprezado

Faz Monturo de Poesia.

Chegou, chegou (2 vezes).

Urubuzinho chegou.

QUERO-QUERO

Vem timbora, minha gente

Vem timbora só pra ver *(Repete).*

O Urubu lá do Fidélis

Fazendo a terra tremer.

URUBU

- Tu queres brincar?

QUERO-QUERO

- Quero-Quero

URUBU

- Então vamos lá.

QUERO-QUERO

- Quero-quero!

URUBU

E vamos voar

QUERO-QUERO

- Quero! Quero!

URUBU

- Por aqui vou pousar.

QUERO-QUERO

- Quero! Quero! Quero! Quero! Quero! Quero.....

(O Urubu pousa à procura de lugar para morar, encontra uma menina com quem faz amizade).

URUBU

- Chega perto minha amiga

Teu olhar é familiar.

Chega perto, não tem medo,

Urubu quer te falar.

MENINA DA ILHA

- Quem és tu, pássaro negro?

Nunca vi bicho falar.

Mais parece um encantado

Que veio me castigar.

URUBU

Minha sina não é dor,

Meu destino é alegria.

Vivo assim a procurar

A morada nessa Ilha.

Venho de Tamaruteua,

Curuçá, Marapanim

Essa é minha chegada,

Algo em ti reconheci.

MENINA DA ILHA

- Realmente, pequenino,

Sou de lá desse lugar.

Mas, não lembro nesse tempo

De ver Urubu falar...

URUBU

- É o destino que me mostra

Já sei onde vou morar...

O teu nome é Teófila,

Em tua casa posso ficar?

(O Urubu e a menina dançam alegremente a ciranda, celebrando sua amizade).

BORBOLETINHA DO MAR

A menina fez-se amiga

Desse nosso passarinho

E cuidou por toda a vida

Desse nosso pequenino.

Ela teve cinco filhas

E criou todas sozinha,

Sempre forte e alegre

Até ficar vovozinha.

Então se encantou também
Como esse passarinho,
Virou borboleta azul
E voa perto do ninho,
O Monturo do Urubu
Onde vivem seus netinhos.

Borboletinha do mar,
Marapanim!
Borboletinha azul,
Vem até mim!

Menina o teu sorriso
Faz nascer
A verdadeira lembrança
De viver.

NOVAS AMEAÇAS

CORO

Os novos reis,
Devastando a floresta,
A nova guerra,
Acabando com a mãe terra.

Novo massacre,
Assassinando inocentes.
Crianças, bichos, rios
O mundo está doente.

Nossos parentes ainda
Sofrem a mesma dor.
Mas, jamais se calam
E gritam seu clamor:

Nunca mais (*todos*).

A morte covarde!

Nunca mais (*todos*).

A morte de fome!

Nunca mais (*todos*).

O fogo na floresta!

Nunca mais (*todos*)!

Veneno nos rios!

Nunca mais (*todos*).

Ferida em nossa terra

Nunca mais (*todos*).

O sangue derramado!

Nunca mais (*apenas um*).

Urubu desencantado! (*todos*).

MATUTAGEM FINAL

COMADRE CHICA

- Mas, a nossa Caratateua inda tá resistindo, né cumpadre?

COMPADRE VÁGADO

- Tá sim. Mas, num é fácil, cumadre.

COMADRE CHICA

- Nem me fale. É lixo nas praia...

COMPADRE VÁGADO

- É lixo nas nascente do Curuperé, no Igarapé da Água Boa.

COMADRE CHICA

- Os povo distrói as mata, faz as casa em cima dos entulho, aterra os igarapé. É muita pobreza, cumpadre.

COMPADRE VÁGADO

- E farta hospitá, farta água, farta esgoto.

COMADRE CHICA

- Ê, fartura danada.

COMPADRE VÁGADO

- E a tirage de aterro ilegal.

COMADRE CHICA

- E as criança trabaiando, sol a sol. Tá errado, cumpadre.

COMPADRE VÁGADO

- E é a tar de droga por aí.

COMADRE CHICA

- Fala baixo, cumpadre. Os homi pode ouvir e querê expulsá nós.

COMPADRE VÁGADO

- É mermo.

COMADRE CHICA

- Mas é forte nossa gente, né cumpadre?

COMPADRE VÁGADO

- É sim, tem muita festa boa, gente talentosa, as mestra, os mestre, os jove alegre e teligente. Muita gente que luta contra a morte, das criança, da cultura, da natureza.

COMADRE CHICA

- E as criança, cumpadre. São muito sabida e vão ajudar a salvar nossa ilha.

COMPADRE VÁGADO

- Salvar da maldade, da devastação.

COMADRE CHICA

- Com alegria, compadre.

COMPADRE VÁGADO

- Com animação!

COMADRE CHICA

- Por isso que nosso Pássaro Urubu tá aqui, pra trazê corage.

COMPADRE VÁGADO

- E fazê poesia pra protegê as criança, e a natureza. Defendê...

COMADRE CHICA

- As floresta, rio e igarapé.

COMPADRE VÁGADO

- As praia, a cultura, as escola, os trabalhadô, toda essa gente.

COMADRE CHICA

- ÊÊÊ!!!

DESPEDIDA

Não deixe perder na lembrança

A nossa mensagem é de graça.

Espalhe por todas as terras

Que Urubu não traz desgraça.

Até breve, minha gente,

Amigos de passarada,

Nós ficamos esperando

A próxima revoada.

Eu sou Urubu Fidélis,

Fiel em todo lugar,

Amigo do seu amigo,

Sempre vou lhe acompanhar.

Fim



Urubuzinha na Praia do Amor, São João do Outeiro, Caratateua (desenho do autor, 2023).

Agora eu vou me embora,

Lá na praia vou ficar,

Esperando bem a hora

De outros voos brincar.

A Coleção Teatro do Norte Brasileiro, criada por Márcio Souza e Bene Martins tem a finalidade de divulgar peças teatrais que constituem o acervo oriundo do projeto de pesquisa Memórias da Dramaturgia Amazônica: Construção de acervo dramático, 2009. A coleção comporta três linhas de publicação, a saber: 1) Obra reunida por autor, a exemplo da obra completa dos dramaturgos *Nazareno Tourinho*, 2014; *Ramon Stergmann*, v. 1, 2020, v. 2, 2021, v 3, 2022; *Edgar Proença*, Todas as peças, 2021; *Levi Hall de Moura*, 2022; 2) Coletânea com diversos autores, a exemplo da *Coletânea Teatro do Pará*, v. 1, 2015; *Teatro do Maranhão*, 2019; *Jovens Dramaturgos (as) Amazônicas*, v. 1, 2020, v. 2, 2021; v. 3, 2022; 3) *Coletânea Teatro de Roraima*, 2021; *Peças Teatrais de Ricardo Torres: Cenas de Aprendiz*, 2023. Nesta coleção, esperamos publicar ao menos uma coletânea de cada estado da região Norte, contando com a colaboração de pesquisadores (as) desses estados, com possibilidade de ampliar para a região Nordeste. A terceira linha de publicação e quarta fase do projeto, a partir da ampliação da pesquisa, é destinada aos estudos da dramaturgia em geral. Nesta última, trouxemos a público as publicações: *Crítica teatral (In)convencional*, 2022; *Iconografia teatral/performativa Amazônica*, 2023, ambas de autoria de Raphael Andrade, colaborador do projeto desde 2021 e mestre em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES-UFPA).

Bene Martins



Direcione seu celular para o QR Code ao lado, e conheça os livros da Editora PPGArtes.

